

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DÁRIO PEREIRA JOÃO

**A CAPOEIRA ANGOLA NO ESPAÇO DA ESCOLA: uma experiência da prática  
da capoeira na EEEF Ana Higina**

JOÃO PESSOA-PB  
2019

DÁRIO PEREIRA JOÃO

**A CAPOEIRA ANGOLA NO ESPAÇO DA ESCOLA: uma experiência da prática  
da capoeira na EEEF Ana Higina**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Pedagogia Presencial, realizado no Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

JOÃO PESSOA-PB

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

J62c Joao, Dario Pereira.  
A CAPOEIRA ANGOLA NO ESPAÇO DA ESCOLA: uma experiência  
da prática da capoeira na EEEF Ana Higina / Dario  
Pereira Joao. - João Pessoa, 2019.  
63 f.

Orientação: Ana Paula Romão de Souza Ferreira.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Capoeira Angola. Práticas educativas. Ensino Funda.  
I. Ferreira, Ana Paula Romão de Souza. II. Título.

UFPB/BC


DÁRIO PEREIRA JOÃO

**A CAPOEIRA ANGOLA NO ESPAÇO DA ESCOLA: uma experiência da prática  
da capoeira na EEEF Ana Higina**

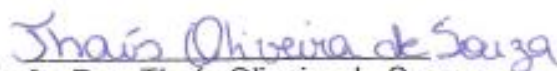
Trabalho de Conclusão do ao Curso de Pedagogia Presencial, realizado no Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

APROVADO EM: 30/09/2018

**BANCA EXAMINADORA**

  
Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira  
(orientadora)

Profa. Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros  
(Professora Examinadora)

  
Profa. Dra. Thais Oliveira de Souza  
(Professora Examinadora)

Dedico este trabalho aos meus pais Francisco e Alice,  
à minha companheira Malu,  
ao meu filho Gabriel  
e minhas filhas Gabriela, Gabrielle e Maria Gabriel  
aos Mestre Lázaro e Mestre Nô  
e aos amigos da vida e da capoeira.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores e colegas do Curso Pedagogia, da UFPB, pelas trocas de conhecimentos;

À Prof. Dra. Ana Paula Romão que teve paciência, atenção com nosso processo formativo;

À Prof. Maria Regina que aceitou o desafio de abrir a roda de capoeira em sala de aula;

Aos alunos, professores, equipe de apoio e a gestora da EEEF Ana Higinia que acolheram no chão da escola, no coração e na cabeça: a capoeira e os capoeiristas.

Aos capoeiristas do Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger que caminham juntos entre alegrias e tristezas, compartilhando suas vidas e a utopia de inventar outro mundo possível a partir da roda de capoeira.

Aos mestres que me ensinaram capoeira na roda e capoeira na vida.

À minha companheira Malu e aos meus filhos: Gabriel, Gabriela, Gabrielle e Maria, pelo apoio, pelo amor, pela capoeira roda e na vida.

À minha família, pela vida.

Se a tua força  
Dá luz a um corpo  
Velho ou moço é lindo  
E eu digo: Então

Vamos capoeirá  
A capoeira é vida  
Vamos capoeirá  
A fonte do saber

Tonho Matéria

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo refletir sobre as possíveis contribuições da Capoeira Angola na Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina, localizada no bairro do Roger, no município de João Pessoa-PB. E, como objetivos específicos seguiram as seguintes etapas: identificar na roda de capoeira a musicalidade e a corporeidade como elementos do processo formativo; e perceber como a musicalidade e corporeidade trabalham as temáticas da luta negra no Brasil. A metodologia utilizada foi com abordagem qualitativa, desenvolvida em duas etapas: bibliográfica e participante. Os procedimentos utilizados foram o nosso olhar enquanto Mestre do Grupo Capoeira Angola Palmares e entrevista semiestruturada com uma professora que acompanhou o nosso Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba. Os resultados apontam que as atividades com a capoeira contribuíram no processo de letramento dos educandos e com as sociabilidades nas relações educando-educando e educando-professor/a.

Palavras-chave: Capoeira Angola. Práticas educativas. Ensino Fundamental. Cultura negra.

## **ABSTRACT**

This Course Conclusion Paper aims to reflect on the possible contributions of Capoeira Angola at Ana Higina State School of Elementary School, located in the Roger neighborhood, in the city of João Pessoa-PB. And, as specific objectives, the following steps were taken: to identify in capoeira the musicality and corporeality as elements of the formative process; and to understand how musicality and corporeality work the themes of black struggle in Brazil. The methodology used was a qualitative approach, developed in two stages: bibliographic and participant. The procedures used were our eyes as Master of the Capoeira Angola Palmares Group and semi-structured interview with a teacher who accompanied our Supervised Internship in the Pedagogy Course at the Federal University of Paraíba. The results indicate that the activities with capoeira contributed to the literacy process of the students and the sociability in the relations educating-educating and educating-teacher.

Keywords: Capoeira Angola. Educational practices. Elementary School. Black culture

## LISTA DE SIGLAS

CCHLA	-	Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
CCS	-	Centro de Ciência da Saúde
CE	-	Centro de Educação
CECA	-	Centro Esportivo de Capoeira Angola
CNE/CP	-	Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno
CRAS	-	Centro de Referência da Assistência Social
ENEM	-	Exame Nacional de Ensino Médio
FNDE	-	Fundo nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IDEB	-	Índice de Desenvolvimento de Educação Básica
INEP	-	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDBEN	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDS	-	Ministério de Desenvolvimento Social
MEC	-	Ministério da Cultura
ONG's	-	Organizações Não Governamentais
PETI	-	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PMJP	-	Prefeitura Municipal de João Pessoa
PDDE	-	Programa Dinheiro Direto na Escola
PPGE	-	Programa de Pós-Graduação em Educação
PSI	-	Primeiros Saberes da Infância
SIGAA	-	Sistema Integrado de Gestão de Atividade Acadêmica
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPB	-	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ZEIS	-	Zona Especial de Interesse Social

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO.....	14
1.2 MEMORIAL: Quem vem lá sou eu, Berimbau bateu.....	15
1.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	19
<b>2 BREVE HISTÓRICO DA CAPOEIRA: apontamentos teóricos.....</b>	<b>21</b>
2.1 RESISTÊNCIA NEGRA: O marco é o Quilombo.....	24
2.2 A CAPOEIRA.....	25
2.2.1 CAPOEIRA: Angola e regional.....	29
2.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS E/NA CAPOEIRA.....	30
2.3.1 O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO.....	36
<b>3 RODA DE CAPOEIRA, CAPOEIRA GIRA: da comunidade ao chão da sala de aula.....</b>	<b>38</b>
3.1 HISTÓRICO DO GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES.....	38
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO E DA ESCOLA.....	39
3.3 A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA NA PRÁTICA EDUCATIVA: o olhar da professora.....	40
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS – Ilustrações da Pesquisa.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A capoeira é uma manifestação da cultura afro-brasileira que possui caráter multifacetário: luta, dança e jogo. Segundo Abib (2017): “[...]a capoeira fala do sujeito, da rua, do beco, fala a língua do povo”. Assim, compreendemos seu conhecimento/reconhecimento por crianças, adolescentes e jovens das classes populares que estão inseridos nas escolas públicas brasileiras, em especial, na cidade de João Pessoa-PB.

Este trabalho surgiu do meu olhar enquanto Mestre de Capoeira em 06 anos de mestria e da experiência de Estágio Supervisionado e pesquisas vinculadas ao fenômeno capoeira.

Quem sou eu? Mestre-educador de capoeira e estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, motivos que me instigaram a compreensão de que a presença da capoeira na escola, e o universo da escola na capoeira serão capazes, de no cotidiano da sala de aula e da escola, formar cidadãos que poderão mudar o mundo. Pedagogos e educandos críticos e amorosos, orgulhosos de sua cidadania e dos processos de ensino-aprendizagem construídos na roda, trazendo suas histórias, suas curiosidades, suas esperanças e desesperanças. Então, a reflexão da contribuição da capoeira para educação é necessária e urgente em prol de uma nova escola.

Pesquisar, analisar e interpretar essa relação capoeira e escola passa a ser uma das possibilidades de encontro/desencontro entre o que está fora e dentro da escola, do que se fala e do que se faz, e do que poderá ser construído e devolvido para os mesmos, como meio de provocar novos debates e desafios dentro de uma escola de bairro periférico, de contribuir para a formação de intelectuais, de profissionais, de seres humanos mais justos e juntos. Consequentemente melhorando a educação para as relações étnico-raciais na escola e na comunidade, contribuindo para a diminuição do racismo.

Nosso questionamento sobre como a experiência da capoeira pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem em uma instituição escolar, originou-se a partir das observações ocorridas durante o Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental. Nesse contexto, vimos que a capoeira possibilitou a dinamização da sala de aula, causando uma aproximação dos alunos com a educação escolar.

Este estágio foi realizado no período de 2017.1, sob a supervisão da professora Maria Regina, com a turma do 3º ANO, no turno da tarde. Uma parte dos alunos

praticava capoeira ou tem irmãos, primos ou amigos capoeiristas. A professora usou essas informações como elemento motivador em sala de aula e começou a planejar as atividades com referência às músicas, aos instrumentos e aos personagens do universo da capoeira.

A escolha da professora pela Pedagogia de Projeto, nos mostrou que a postura do “pedagogo” influencia na abertura da sala de aula para uma educação libertadora, afinal, como disse Freire educar é um ato político. Nesse sentido, ela optou em trazer o ensino da cultura afro-brasileira (de acordo com a Lei 10.639/2003) a partir da pedagogia de projetos, a qual pode ser utilizada pelo pedagogo na sala de aula para desenvolver atividades que produzam conhecimento científico com os alunos, e ao mesmo tempo como isso contribui para as relações dos mesmos com outros alunos, professores, equipe de apoio, equipe técnica e gestão. Tais atividades também auxiliaram na superação de situações de discriminação e combate ao racismo, levando em consideração os conhecimentos prévios que os alunos de sua turma já tinham da prática da Capoeira Angola.

Neste caso, percebemos que o território no qual está localizada a escola é historicamente formado por negros, onde temos próximo o antigo Engenho do Paul (Casa Grande e o engenho) hoje conhecido como Centro Cultural Piollin e a Fonte de Tambiá, no Parque Zoológico Arruda Câmara, referência indígena. Atualmente, o bairro possui quatro comunidades: Terra do Nunca, Buraco da Gia, Comunidade do S e a Comunidade Asa Branca, as duas últimas reconhecidas como Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, pela Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP.

Compreendendo o percurso da capoeira de altos e baixos: de criminalizada na Primeira República Federativa do Brasil a Patrimônio Imaterial da Humanidade em 2014. Nesse ínterim saiu dos centros tradicionais de Recife, Salvador e Rio de Janeiro para o mundo. Segundo dados do MEC, a capoeira está em mais de 150 países, isso nos mostra sua e sua contribuição para o reconhecimento social, cultural e econômico do mestre de capoeira, possibilitando a ascensão social de muitos negros e negras. Mundialmente já se reconhece as contribuições da capoeira para a elevação de autoestima de crianças, adolescentes e jovens afrodescendentes em situação de vulnerabilidade social e de afirmação da identidade, de pertencimento a matriz afro.

Segundo Muniz Sodré (2002, p.22), “na capoeira o corpo pensa”, numa perspectiva da cosmovisão africana. Importa dizer que refletir a capoeira na escola,

ajuda a repensar a própria escola brasileira, torná-la um espaço democrático e com justiça social, no qual negros e não-negros sejam tratados com respeito e equidade.

Nosso estudo, demonstra sua relevância acadêmica no sentido de que existem poucos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), sobre capoeira na Universidade Federal da Paraíba (UFPB): três no Centro de Ciências da Saúde (CCS), dois no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) e um no Centro de Educação (CE), modalidade à distância, segundo os dados do SIGAA-UFPB, acessados em 25 de maio de 2018. Ainda de acordo com estes mesmos dados há quatro trabalhos de mestrado nas áreas de música, direitos humanos e ciências sociais. No Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFPB existem dois trabalhos em andamento, um em nível de mestrado e outro, de doutorado.

Acrescentamos que o pedagogo pode diversificar e tornar as ações/atividades de sala de aula mais atrativas e dinâmicas com a capoeira enquanto expressão da cultura afro-brasileira, além de poder realizar uma roda, na qual todos possam se ver, se reconhecerem como seres humanos pertencentes à matriz afro-indígena brasileira, perceberem que são parte da mesma roda, da mesma história, crianças, adolescente, jovens negros e não-negros – povo brasileiro.

Nesse sentido de mudança e transformação, já podemos mencionar a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório a inclusão no currículo da temática “história e cultura afro-brasileira” nos estabelecimentos de ensino público e privado, nas disciplinas de história, arte e língua portuguesa; e a comemoração do Dia 20 de Novembro nas escolas, como parte do calendário escolar.

Dividimos esta pesquisa em quatro capítulos. Neste primeiro, elencamos a relevância, inquietações, problematização, objetivos, trajetória no Grupo Capoeira Angola, e aspectos metodológicos da pesquisa. No segundo capítulo, abordamos a contextualização teórica, em que conceituamos e refletimos a capoeira enquanto prática de resistência cultural e educativa. No terceiro capítulo, sistematizamos a análise dos dados a partir das delimitações do espaço circular das práticas da capoeira, o bairro e a Escola Ana Higina.

## 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Em João Pessoa, desde o fim da década de 1980, as escolas abrem espaço para os grupos de capoeira participarem das apresentações em dias festivos ou

alusivos as questões referentes aos negros e seus descendentes na história do Brasil, portanto a capoeira já consistia em prática presente no currículo oculto das instituições escolares.

Outras vezes, sediam espaço físico para treinamentos/ensaios de grupos de capoeira. A capoeira, em João Pessoa, também se faz presente nos trabalhos de recuperação de cidadania e elevação de autoestima de crianças, adolescentes e jovens, em Organizações Não-Governamentais (ONG's) e em políticas públicas, do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). A exemplo, do Serviço de Vínculo e Fortalecimento Familiar realizados nos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS. Também podemos mencionar políticas educacionais do Estado brasileiro, através de vários programas do Ministério da Educação e Cultura – MEC que chegaram aqui, tais como: Escola Aberta, Ciranda Curricular, Mais Educação e o Mais Cultura.

Estes Programas eram administrados pelas Secretarias de Educação Municipais e de Estaduais, abrindo novos espaços para a capoeira e os profissionais da capoeira (instrutores, professores, contramestres e mestres) possibilitando-os ministrarem oficinas de capoeira, dentro de um planejamento pedagógico, com horário definido, dinâmicas de acolhida e técnicas de registro em diários de bordo de tais experiências.

Importa dizer que a capoeira começou a ocupar o espaço de sala de aula, no entanto a experiência acumulada da escola para a formação, todavia se norteia pelos princípios do pensamento liberal: o individualismo, a propriedade, a igualdade e a liberdade. Ressaltamos que essa ideia de liberdade estava vinculada a igualdade perante a legislação. Quer dizer, todos deveriam ter acesso à instrução pública, como foi slogan do Estado Brasileiro em 1988: Escola para Todos (BRASIL, 1988).

No entanto, a criança, o adolescente e o jovem negro e afrodescendente não tem encontrado no sistema escolar brasileiro a acolhida que potencialize seu desenvolvimento intelectual, profissional, emocional e humano no sistema educacional vigente. Ao contrário os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Plano Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) 2001, sugerem que a vida escolar dessas crianças é mais difícil e acidentada que a de crianças brancas, isto é, elas enfrentam maior número de saídas e voltas para o sistema escolar.

Importou perceber que a vivência da capoeira possibilitou aos estudantes e professores, envolvidos nesse processo, experimentar os valores civilizatórios afro-brasileiro: oralidade, corporeidade, ancestralidade, entre outros elementos os quais propiciam conhecer e reconhecer em si suas próprias identidades, individuais e coletivas.

Partindo dessa problemática, questionamos: qual contribuição da capoeira para a educação escolar? Como a capoeira pode melhorar as relações étnico-raciais na comunidade escolar e no combate ao racismo e suas formas correlatas? Indagações feitas a partir das experiências do Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental, e das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Pedagogia Griô - PROLICEN na Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina, Baixo Roger, João Pessoa.

Desse modo, analisamos a contribuição da capoeira para educação escolar de estudantes da EEEF Ana Higina para tal, identificamos na roda de capoeira, a musicalidade e a corporeidade como elementos do processo formativo da capoeira; percebemos presente as temáticas do povo negro no Brasil (diversidade cultural e tolerância religiosa) na roda de capoeira.

## 1.2 MEMORIAL: “Quem vem lá sou eu, Berimbau bateu...”

“Tenho que reconhecer/esse grande capoeira/que me ensinou a jogar/jogar sem fazer besteira assim”. Esta música de capoeira traz um pouco da minha narrativa de vida. A partir das minhas experiências de capoeirista fui percebendo que eu não era “um sujeito-aluno menos capaz”, simplesmente a escola negava meu direito de me conhecer e reconhecer quem eu sou? Quem era meu povo? Apenas repetia que “os escravos chegaram no Brasil”, e as imagens trazidas nos livros didáticos de história, tenho até hoje guardado na minha memória: um tronco (o pelourinho), um escravo amarrado (o negro africano) e sendo chicoteado por outro sujeito. Não suportei, essa projeção de mim mesmo, menino negro, que não se sabia negro! E deixei à escola, fui trabalhar, o que mais se esperava de um jovem negro de 17 anos, de pele negra, morador de periferia, de pais pertencente à classe trabalhadora.

Durante esse tempo que passei sem frequentar a escola formal dediquei-me à prática da capoeira. Descobri através do processo de ensino-aprendizagem da capoeira: os movimentos; os cânticos que falam a estória dos negros e no final das aulas havia conversas sobre a origem da capoeira, das questões referentes ao local

de onde foram trazidos os africanos; de Zumbi; dos antigos mestres de capoeira. Ao contrário da escola que apenas visibilizou o negro na sua condição de escravizado. Na capoeira me descobri parte de um povo forte, alegre e resistente. Aprendi com outros e o saber se traduziu em cada parte do meu corpo e do meu ser: Sou negro. Sou capoeirista.

Na capoeira desenvolvi o sentimento de pertença e o orgulho de ser negro. Despertou-me para a leitura de textos com temas referentes à cultura afro-brasileira. Voltei a frequentar os bancos escolares, pois compreendi que a escola também era meu lugar e assim, conclui o ensino médio no ano de 2004.

Passei mais dez anos dedicando-me à prática e ao ensino da capoeira. Durante este tempo participei de diversos seminários com temáticas ligadas ao povo negro, em especial, à cultura afro-brasileira. Ministrei cursos e oficinas de capoeira angola; realizei eventos de capoeira e viajei para outros estados brasileiros. Desenvolvo um trabalho de capoeira desde março de 1998 com as comunidades do Roger e adjacências.

Nas aulas, assumindo o papel da docência, tornei-me, como diria Freire (2015) um educador progressista. Falei das contribuições do povo negro para a história do Brasil, suas lutas e conquistas uma vez que identifiquei a ascendência negra dos alunos e das alunas. Os mesmos alunos inscritos na capoeira na época frequentavam às escolas municipais e estadual do Roger. Os quais não tinham acesso à uma escola que olhasse para o entorno dela. Uma vez que o bairro do Roger sinaliza para sua herança afro-indígena-brasileira, percebo que não há no corpo escolar das escolas do bairro indícios da vontade de relacionar-se com a comunidade na qual está inserida. De acordo com Mendes e Goncalves (2000, p.27), “a escola foi se constituindo como instituição específica, com seu tempo e espaço próprios, apesar dos costumes, da saúde, da higiene e da cultura daqueles (as) que a frequentavam” o que a tornou autoritária e distante da realidade dos educandos.

As primeiras experiências ministrando aulas de capoeira, foram no período em que o instrutor teve que se ausentar por problemas de saúde, eu fiquei lecionando capoeira para o grupo juntos com outros capoeiristas, em 1993. O que se repetiu por inúmeras vezes na ausência do instrutor.

Em 1995, ministrei aulas de capoeira na Escola Cata-vento, no Bairro do Castelo Branco I, em João Pessoa - PB. Em 1998, comecei atividades de capoeira no Conselho Comunitário Índio Piragibe, no Bairro da Ilha do Bispo. Também 1998,

inicie as aulas na Escola Piollin até o ano de 2006. De julho de 1999 à 2004, no Centro Livre Meninada I, em Jaguaribe, atendendo crianças e adolescentes ligados ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI. Das aulas na Piollin se efetivou o trabalho do Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger, em paralelo com as oficinas, iniciamos aulas à noite e nos finais de semana.

Em 2000, minha companheira iniciou as aulas de capoeira também na Escola Piollin. O que tornou possível, a presença, nos turnos da manhã e tarde, das atividades de capoeira nesta instituição. Nosso filho que tinha nascido em maio de 1999, tornou-se presença diária nos treinos de capoeira. Isso possibilitou uma presença forte de criança nas nossas aulas, proporcionando um espaço acolhedor entre todos e todas: crianças e adolescentes; meninos e meninas das oficinas e os jovens do grupo. Possibilitando o desenvolvimento da prática educativa de capoeira do grupo.

Atendendo o princípio da filosofia do Mestre Nô: Capoeira na roda, capoeira na vida. Foi a cada dia, a cada aula, um espaço-tempo de respeito, cooperação, solidariedade que na relação entre as pessoas, com a capoeira e com o mundo, no gingado da roda, foi e está se configurando o Grupo Capoeira Angola Palmares. Ao aprender-ensinar e ao ensinar-aprender fui me tornando o mestre que sou: numa relação com antigos capoeiras, com capoeiras de minha geração, com a geração mais nova e com o mundo.

Como resultados deste empenho de anos de dedicação e compromisso com a capoeira, fui reconhecido como mestre de capoeira pela comunidade capoeirista, a celebração e entrega do cordel ocorreu na cidade de Salvador – BA, no ano de 2013, pelos mestres da Palmares. Numa roda com participação de mestres de capoeira de outras linhagens que são referência para a capoeiragem no mundo. Fiz da minha vida, do meu reconhecer-se enquanto afro-brasileiro, um caminho alternativo aprendendo outros saberes e fazeres, como diz Abib (2017, p. 181) “para africanos e afro-brasileiros, [...], o termo educar-se [...] refere-se ao como tornar-se pessoa”, o que traduz como “aprender à própria vida”. Como canto nas rodas de capoeira: “Minha vida é capoeira/pois eu sou capoeirá”.

Nesse mesmo ano de 2013, minha esposa fez minha inscrição para o ENEM e meu filho foi ao banco pagar a inscrição. Acompanhei diariamente via internet. Quando saiu a primeira chamada da lista de espera do ENEM 2014, meu nome era o primeiro

da lista. Acabei sendo chamado para o primeiro período, 2014.1. Logo, iniciei o Curso de Licenciatura em Pedagogia Presencial, na UFPB.

Nos debates em salas de aulas, fui compreendendo que apenas na escola não teria sido possível me reconhecer negro. Pois, a escola ainda hoje não está preparada para tratar de assuntos relativos aos hábitos, costumes e visão de vida dos outros povos que constituem nosso país. Como nos aponta o Caderno Pedagógico Oficina de Capoeira: A escola em movimento

Conteúdos, procedimento, livros didáticos, etc, ignoram ou pervertem os valores civilizatórios africanos que são parte do cotidiano social. Os referenciais afro-brasileiros são normalmente lembrados na escola em datas pontuais e esquecidas durante o resto do ano. Nessas ocasiões, muitas vezes, as manifestações da cultura afro-brasileira, aparecem descontextualizadas, sem nenhuma conexão com uma proposta pedagógica que considere a discussão sobre a identidade afro-brasileira como um dos elementos fundamentais para a reversão da própria realidade educacional. (Brasil, 2002, p. 19-20)

Neste viés, a minha experiência de estagiário do curso de pedagogia da UFPB como futuro “docente” que passou em várias escolas públicas, tanto do município como do estado ficou claro que há Lei 10.639/2003 ainda não adentrou o corpo da escola, e que a capoeira só chegou no chão dessas escolas em datas comemorativas, em especial, o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro como estabelece esta Lei, ou como parte de Programas, tais como: Programa Mais Educação, Escola Aberta e o Ciranda Curricular; e/ou quando a escola cede o ginásio para os treinos do grupos de capoeira nos finais de semana.

Trazendo à tona as minhas memórias, trago para finalizar um momento marcante como mestre, como homem negro: os alunos ficaram, mais à vontade conosco quando me viram entrar no terreiro de Jurema, religião de matriz afro indígena e me viram tocando no Elu (tambor usado no Terreiro). Depois desse momento, as relações foram ficando mais confiantes entre alunos-famílias-mestre.

“Olha o tempo não para/ já dei volta ao mundo/toquei berimbau/e o tempo não para. Mais uma música para ilustrar esse passado, como diria Abib (2017, p.24-25), “o passado não é algo que se esgotou e está fossilizado, mas algo vigente que tensiona com o presente projetando possibilidades futuras”. E a cada roda, e a cada volta do mundo, completamos 21 anos de Grupo Capoeira Angola Palmares no Roger.

### 1.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada foi com abordagem qualitativa, desenvolvida em duas etapas: bibliográfica e participante. Compreendendo que a pesquisa qualitativa, conforme Rapimán (2015, p. 212) “[...] tem como principal objetivo compreender os fenômenos sociais, grupos de indivíduos ou situações sociais”. Desse modo, escolhemos a pesquisa qualitativa para apresentar a capoeira enquanto fenômeno cultural e social vivenciado no chão da EEEF Ana Higina com uma turma de 3º Ano. Para tal, buscamos relacionar a experiência do mestre de capoeira e da professora de ensino fundamental para apreender como a capoeira contribuiu para o processo de ensino- aprendizagem dos educandos.

Destarte, elegemos como os sujeitos investigados os alunos da turma de 3º Ano porque a maioria já fazia parte da atividade de capoeira do Programa Mais Educação na escola e/ou treinavam capoeira no Grupo. Segundo Gonsalves (2001, p. 69) “os sujeitos pesquisados” se referem ao universo populacional que você privilegiará, as pessoas que fazem parte do fenômeno que você pretende desvelar”. O fato dos educandos se conhecerem/reconhecerem capoeiristas possibilitou a transposição didática “dos saberes/fazeres capoeirístico” que deu sentido e significado a aprendizagem em sala de aula. Nesta aproximação entre os envolvidos nas atividades, percebemos na docente um compromisso, ao orientar seu fazer pedagógico a partir dos conhecimentos e da afetividade trazidos pelos educandos para sala de aula.

Importamos dizer que o fato do mestre de capoeira, ter realizado seu Estágio Supervisionado com a mesma professora e a observação e a regência ter sido feito na turma de educandos-capoeiristas deu a liga entre o saber popular e o científico. Para Triviños (1987, p. 12) “[...] na pesquisa qualitativa participante, o investigador, sem dúvida, é um sujeito engajado no processo de melhoria de vida de algum grupo ou comunidade”.

Nessa perspectiva de ampliar os conhecimentos da ação-reflexão-ação da capoeira e da sala de aula, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que nos possibilitou conhecer estudos e teóricos que nos auxiliaram na construção da tessitura desta pesquisa. A revisão da literatura para Triviños (1987, p.98) é uma etapa valiosa nas pesquisas os “[...] fatos sociais e educacionais, geralmente complexos, não só precisam como exigem suporte de princípios que permitam atingir os níveis da

verdadeira importância do que se estuda”. De tal forma, que foi possível ampliar o nosso olhar de pesquisador através das reiteradas buscas na literatura sobre capoeira e educação.

Os procedimentos utilizados foram o nosso olhar, enquanto Mestre do Grupo Capoeira Angola e entrevista semiestruturada com a professora de Ensino Fundamental da Escola Ana Higina que acompanhou o nosso Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba.

Desse modo, podemos estruturar como etapas da pesquisa: 1) O primeiro contato com o campo de estudo, caracterizado por nossa imersão no ambiente escolar, através do Estágio Supervisionado; 2) Coleta das autorizações e procedimento éticos de pesquisa; 3) Organização e desenvolvimento das atividades de capoeira dentro da escola; 4) Realização dos processos de entrevistas; 5) Análise e discussão dos dados.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA CAPOEIRA: apontamentos teóricos

O presente trabalho visa levantar questões referentes à experiência da capoeira no espaço escolar, diálogo possível entre a capoeira angola, a escola e a Lei 10.639/2003. Salientando segundo Paulo Freire (2014) a educação como um uma prática de liberdade.

A capoeira atualmente é praticada em mais de 150 países, segundo os dados do Ministério da Cultura do Brasil, nas categorias de capoeira angola, capoeira regional e capoeira contemporânea. Em especial, a capoeira angola traz consigo os valores da cultura negra e as concepções do povo negro. “Uma manifestação cultural que se caracteriza por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo”. BRASIL (2014, p. 19). Para Muniz Sodré

O ritmo e o rito dão vida e a alma à capoeira. São eles que favorecem a epifania dos corpos em movimento, trazendo beleza atlética para o gingado e para a execução harmoniosa dos golpes e balões. Não se trata, portanto, de mero esporte, nem de mera técnica de defesa e ataque, mas de um jogo, isto é, uma totalidade articulada de formas inventadas, abertas a apropriações lúdicas e guerreiras, que também se pode designar como uma cultura, se não como uma alma ou espírito de grupo (SODRÉ, 2002, p. 86).

Para o autor, a capoeira tem a eficiência técnica da luta em golpes e contragolpes, a beleza da dança, o jogo que une a dança e a luta ao som dos toques e cânticos cria uma cultura de resistência, pois, traz a luta pela liberdade dos negros e oprimidos. Desse modo, a trajetória da prática Capoeira passa por adaptações e transformações, primeiro alimentando o imaginário social pelo conhecimento do senso comum dos capoeiristas que “[...] os negros nas senzalas lutavam a capoeira, e na presença dos senhores e feitores disfarçavam em dança”. A prática passou pelo período de repressão policial, chegando a sua proibição pelo Código Penal Brasileiro, de 11 de outubro de 1890.

E na década de 1930, a capoeira deixou de ser contravenção e foi oficializada a Luta Regional Baiana vertente criada pelo Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, chamada posteriormente de Capoeira Regional. O governo de Vargas foi que liberou à prática da capoeira e da umbanda, uma das religiões de matriz africana. Tudo isso na perspectiva do projeto de modernização do Brasil, na criação da identidade nacional. E assim se forjou o mito da democracia racial, a partir da perspectiva de

Gilberto Freire, eternizado no Livro Casa Grande e Senzala, no qual o autor harmoniza a relação entre escravo/senhora.

Neste sentido o negro aprendeu a negociar e assimilou as estratégias de sobrevivência, a ginga da capoeira, o jeito malandro. Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha oficializou a sua Academia, em 1941, Centro de Esportivo de Capoeira Angola – CECA. Atualmente, foi e é reconhecido como baluarte da capoeira angola. A capoeira em 1972 é reconhecida como prática desportiva e cultural pelo parecer do General Jair Jordão. Daí ela sai dos centros tradicionais de capoeira: Salvador, Rio de Janeiro e Recife para outros estados brasileiros e o mundo.

Entre 31 de agosto a 07 de setembro de 2001, ocorreu a partir da III Conferência Mundial contra o Racismo e a Discriminação Racial, a Xenofobia e as formas correlatas de intolerância em Durban, África do Sul. Na ocasião, o Estado brasileiro se tornou signatário da declaração do plano de ação desta conferência. Reconhecendo que o racismo e as práticas discriminatórias do cotidiano brasileiro não representam simplesmente uma herança do passado. O racismo vem sendo recriado e realimentado ao longo de toda a história. Seria impraticável desvincular as desigualdades observadas atualmente dos quase quatro séculos de escravismo que a geração atual herdou. (BRASIL, 2001).

Vale ressaltar que há uma naturalização das desigualdades étnico-raciais no Brasil o que dificultou a compreensão por parte dos estudantes e dos professores do processo de silenciamento sobre os negros e seus descendentes, assegurados por muitos anos pela omissão por parte do Estado Brasileiro. Observamos as legislações no decorrer da história brasileira que nunca garantiram cidadania aos ascendentes e descendentes de negros, tais como: a Lei das Terras de 1859 excluiu o africano e seus descendentes da categoria de brasileiros, situando-os numa outra categoria separada, denominada de “libertos” (MOURA, 1981); As Leis do Ventre Livre e Sexagenários que produziram as primeiras crianças de rua e os primeiros mendigos; A Lei Áurea a qual colocou outra parcela da população de negros nas ruas, aumentando a parcela de mendigos e desocupados existentes. Contudo, concedeu incentivo de sementes e terras aos imigrantes, acreditando no embaquecimento da nação brasileira.

E nos livros de história, se contou por muitas e muitas vezes que o escravo chegou ao Brasil para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar e do café, e/ou depois que a Princesa Isabel o libertou. Realmente, ficou difícil permanecer numa escola que

sempre omitiu a participação e a presença do negro, como a priori de “ser humano” e não como animal de trabalho. Neste viés, a vivência no grupo de capoeira através dos ensinamentos do mestre e das próprias músicas valorizam o referencial civilizatório afro-brasileiro fazendo com que seus praticantes desenvolvam sentimentos positivos e de reconhecimento de seu pertencimento étnico-racial. Keim e Silva explica que a “[...] educação e Capoeira são referenciadas como ações com base na arte, na cultura e na cosmovisão, que se constrói com base na ancestralidade e na historicidade de cada grupo social, o que os referencia como sendo humanos, em contexto de tempo e espaços limitados”. (KEIM & SILVA, 2012, p. 20)

Daí, a compreensão que alguns estudiosos da capoeira enquanto prática pedagógica, relaciona a capoeira a pedagogia freiriana, numa perspectiva de uma atividade de educação que traz o sujeito a se perceber numa relação dinâmica com o outro, consigo e com o mundo de maneira crítica, criativa, amorosa e de esperança de transformação a partir do eu-coletivo. Assim, na concepção de Keim e Silva tanto,

A pedagogia freiriana e a Capoeira se caracterizam como algo que é simultaneamente jogo e dança. Jogo com a especificidade de ser colaborativo e interativo por se como ação que evidencia a libertação como algo possível, pelo fato de não ser competitiva e é dança por que implica na sintonia entre os parceiros”. (KEIM & SILVA, 2012, p. 24)

Desse modo os autores apresentam a relação das pedagogias freirianas e a capoeira com o sentido comum de prática de liberdade, pois, o jogo da capoeira é com o outro, é dialógico. Um diálogo de corpos embalados pela musicalidade que dá o tom e o ritmo que proporciona um diálogo verdadeiro: de confiança consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

A capoeira ainda não está presente nas escolas de maneira efetiva mesmo com a promulgação da Lei 10.639/2003 que buscou uma mudança de postura da escola brasileira diante da parcela da população negra, que junto com outras ações afirmativas deveriam mudar o quadro de exclusão escolar que sofre os negros e afro-brasileiros.

Com a proclamação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que modificou a Lei de Diretrizes e Base 9394/96 explicitou a vontade do Estado brasileiro de resolver o racismo institucional brasileiro. Para Reis (1997) a movimentação corporal da capoeira, centrada na ginga, na malícia, na surpresa e na inversão, constitui uma metáfora das relações entre negros e brancos.

Partindo do pressuposto que a capoeira pode ser uma das possibilidades para a educação das relações étnico-raciais na escola, neste sentido foi e é um instrumento de valorização do referencial afro-brasileiro, de afirmação de identidade de cidadão negro e afro-brasileiro e, por conseguinte de combate ao racismo. De certa maneira as músicas de capoeira comunicam para as novas gerações as lutas de resistência de antigos capoeiras e da ascendência negra brasileira.

## 2.1 RESISTÊNCIA NEGRA: O marco é o Quilombo

Todas as formas que o povo negro no Brasil usou para negar a condição de escravo, constituem o que se chamou de resistência negra. Dentre as diversas maneiras de resistir à escravidão estavam as desobediências às regras do trabalho nas plantações, revoltas, fugas, assassinato de senhores e suas famílias, abortos, infanticídios, formação de quilombos, organizações religiosas, entre outras.

Em todos os países onde houve escravidão negra, houve forma de resistência a servidão, uma delas a formação de quilombos. O vocábulo quilombo provém da língua banto umbundo, diz respeito a um modelo de instituição sociopolítica militar conhecida na África, ou ainda, “uma associação de homens e aberta a todos”. No Brasil, os quilombos eram os territórios onde os negros buscavam restituir suas culturas, seus laços com suas nações de origem. Segundo Kabengele Munanga e Nilma Gomes:

Tratava-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência resultante do esforço dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 72)

Esses autores corroboram com a ideia do quilombo como espaço-tempo de criar e recriar laços comunitários, de darem significado a existência de todos e todas ali residentes, tornou espaço de construir a luta de resistência, as estratégias de sobrevivência para forjarem uma nova vida. Desse modo sugerem uma ampliação da concepção de quilombo para além de uma instituição militar. Para eles, os quilombos eram uma “[...] experiência coletiva dos africanos e seus descendentes, uma estratégia de reação à escravidão, somada da contribuição de outros segmentos com os quais interagem em cada país, notoriamente alguns povos indígenas”. (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 72).

Não existem documentos que afirmem a existência da capoeira nos Quilombos, todavia os capoeiristas comunicam através das músicas de capoeira as novas gerações: a estória dos quilombos, em especial, o quilombo de Palmares e a de seus líderes: Zumbi e Ganga Zumba.

## 2.2 A CAPOEIRA

A capoeira, manifestação cultural afro-brasileira, reconhecida desde 2014 como patrimônio da Cultura Imaterial da Humanidade, teve em seu percurso muitos percalços, traçamos alguns momentos marcantes dessa história para compreendermos sua importância como uma proposta pedagógica da capoeiragem que alinhada ao ambiente escolar pode trazer melhoria para as relações da educação étnico-racial na escola.

O primeiro registro do termo capoeira alude ao século XVIII. Para Rego (1968, p.17) “[...] o vocábulo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau”. Mesmo com inúmeras pesquisas sobre a capoeira, esses dados não sofreram tantas modificações. A hipótese de a capoeira ter sido criada pelos negros escravizados aqui no Brasil, tem se tornado uma referência comum aos estudiosos e capoeiristas. Neste sentido, anuncia Rego que.

A capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua maioria não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada. (REGO, 1968, p. 31)

Segundo o Autor, a capoeira nasceu no Brasil com os africanos na condição de escravizados, todavia, ele ressaltou que chegou a essa conclusão relacionando fonte documentais e fontes orais, a memória de velhos e novos capoeiristas. Esse sentido também é apontado por (MUNANGA, 2006) que os primeiros negros, na condição de escravizados, são trazidos para o Brasil no século XVI, não se sabe com exatidão se na primeira ou na segunda metade.

Todavia, (BRASIL, 2014) nos apresenta os relatos da capoeira que são do século XVIII, e dizem respeito a libertação, ocorrida no Rio de Janeiro, de um escravizado chamado Adão. Corrobora também nesse viés os autores Keim e Silva (2012) ao narrarem os atos contra a lei estabelecida na sociedade vigente pelos

negros escravizados, fugidos, alforriados; Esses, fizeram revoltas e insurreições no intuito da conquista liberdade, confrontaram-se com as autoridades policiais, em virtudes das perseguições sofridas.

Segundo Gilroy (2001), houve uma política da transfiguração, o africano trouxe no corpo uma bagagem de memória do além-mar, de danças, de cânticos, de mitos, que aqui reinventados na diáspora, possibilitaram a criação da capoeira. A capoeira como fôlego de liberdade.

A característica de reelaboração da ancestralidade africana ocorre não só nos movimentos, mas nos elementos utilizados para compor a capoeira: a roda, a música e a interação entre os jogadores remetem a uma forma de perceber o mundo e de exercer a relação entre o ser humano e a natureza (BRASIL, 2014, p. 88-89)

De acordo Brasil (2014) os africanos trouxeram no corpo a bagagem do além-mar e recriaram novos movimentos corporais, abriram a roda como possibilidade de criar espaço-tempo de comunicação, de socialização e de luta de resistência. Desse modo, a capoeira nasceu e levou o corpo negro a torna-se também arquivo-arma para a libertação, e, portanto, já surge sendo perseguida por feitores e capitães-do-mato.

A capoeira vai se estabelecendo nessa sociedade vigente. Ela é vista como luta de malandros. No I Código Criminal do Império do Brasil, de 1830, a partir da interpretação que os chefes de polícia faziam, eles enquadravam os capoeiras no capítulo que tratava dos vadios e mendigos. Mesmo com o fim do Império e o início da República, a capoeira continuou criminalizada e proibida portanto passou oficialmente a ser conceituada como crime no Código Penal Brasileiro de 1890. Logo, quem fosse preso e acusado de prática de capoeiragem seria enviado para a prisão de Fernando de Noronha. Desse modo a repressão foi marcante no Rio de Janeiro por causa das maltas dos capoeiras Goiamuns (ligados aos conservadores) e Nagoas (ligados ao Partido Liberal) que perturbavam a ordem pública (BRASIL, 2014).

Houveram outros acontecimentos, todavia a prática da capoeira sempre foi vista, como prática de malandros mesmo tendo desde seus primórdios negros, brancos pobres e não-pobres.

Olhar para esse caminho foi perceber que ainda existe muito para se compreender que a história vista pelos debaixo, a nova história cultural precisa dar conta da história negada e silenciada dos afro-brasileiros. Quem estudou a Revolta dos malês? Quem estudou a Revolta dos Marinheiros? E o que se fala hoje sobre a capoeira nos livros didáticos?

Capoeira, nascida nas senzalas ou nas zonas portuárias da época? Por isso, compreendemos que o sentido seria a conquista da liberdade de ser humano. Mesmo com o fim da escravidão em 13 de maio de 1888 não foram garantidos os direitos fundamentais de vida, dignidade, moradia, emprego, educação aos afro-brasileiros, ao contrário, com a revolução industrial, os negros não foram qualificados para ocupar as novas profissões das indústrias, qualificou-se o imigrante, e os negros foram deixados à margem do sistema capitalista. Mais uma vez, continuaram à margem, agora livres, todavia sem dignidade, sendo empurrados para as margens da cidade. Para Sidney Chalhoub, (1996), os negros foram vistos como a classe perigosa<sup>1</sup>, invasora dos cortiços, empurrados para fora da cidade.

Para fora do sistema capitalista que se reveste de várias formas e se reinventa, até hoje os negros e seus descendentes ocupam as favelas e as periferias. A capoeira, no período de 1937, teve liberada sua prática, através da criação da Luta Regional Baiana, por Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), teve o Alvará para a primeira academia de capoeira, o Centro de Cultura Física Regional. Logo após, em 1941, Mestre Pastinha, Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, teve autorização para abrir o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), tornando-se a segunda academia de capoeira, ambas em Salvador, Bahia (REGO, 1968).

A capoeira saiu das ruas, dos espaços abertos para os recintos fechados das academias. A partir do Mestre Bimba se criou uma metodologia de ensinamentos de capoeira, ambiente fechado, critérios exigidos para serem admitidos como alunos da capoeira. Um desses critérios, é a pessoa apresentar a carteira de trabalho assinada. (BRASIL, 2014, p. 73).

Mestre Bimba apresentou com seus alunos a capoeira para o Governador da Bahia Juraçy Magalhães e depois para o Presidente Getúlio Vargas. A capoeira vai passando das senzalas, das zonas portuárias, dos cortiços, para os ambientes fechados e em, 1972, é reconhecida pelo general Jair Jordão como prática cultural e

---

<sup>1</sup> A expressão “classes perigosas” parece ter surgido na primeira metade do século XIX. A escritora Mary Carpenter, [...], utiliza a expressão claramente no sentido de um grupo social formado à margem da sociedade civil. Para Mary Carpenter, as classes perigosas eram constituídas pelas pessoas que já houvessem passado pela prisão, ou as que, mesmo não tendo sido presas, haviam optado por obter o seu sustento e o de sua família através da prática de furtos e não do trabalho. Em suma, a expressão é usada aqui de forma bastante restrita, referindo-se apenas aos indivíduos que já haviam abertamente escolhido uma estratégia de sobrevivência que os colocava à margem da lei. (CHALHOUB, 1996, p. 20)

esportiva. Nesse período, a capoeira sai dos centros tradicionais Salvador, Recife e Rio de Janeiro para outros estados brasileiros. (BRASIL, 2014, p. 50).

Em 2000, a capoeira é ofertada como uma das atividades dos projetos sociais do Governo Federal, a exemplo do Programa de Erradicação Infantil – PETI, que deveria funcionar no contraturno da escola, com atividades culturais, artística e esportivas, proporcionando a prática da capoeira para crianças e adolescentes até 15 anos de idade (PORTARIA Nº 458, DE 4 DE OUTUBRO DE 2001). (BRASIL, 2001).

Em 2003, foi instituída a Lei 10.639/2003 pelo governo federal, estabelecendo o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no Brasil e no mundo, sendo também determinado que o dia 20 de novembro deve ser celebrado como Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, em estabelecimentos de ensino público e privado.

Em 2008, a capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Em 2014, foi tombada como Patrimônio da Cultura Imaterial da Humanidade. Atualmente, a capoeira está presente em todos os estados brasileiros e em mais de 150 países (BRASIL, 2014).

Mesmo de maneira sucinta, entendemos que os pontos elencados nos demonstram a capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira que no decorrer do tempo, ultrapassou as barreiras de preconceito de classe, de raça, de gênero, de religião e território e hoje, é praticada no mundo, não apenas no Brasil.

Os mestres desde 1960, levam a capoeira para os quatro cantos do mundo. Foi para Dakar com Pastinha. Foi para os Estados Unidos, (1975). Hoje é vista como uma prática cultural da humanidade. (BRASIL, 2014).

Em João Pessoa a capoeira de maneira sistematizada em aulas em recinto fechado, chegou em 1977, com a vinda de Adalberto da Conceição<sup>2</sup>. Em 1985, chegou na Paraíba Mestre Nô que trouxe a sistematização de eventos de capoeira, oficinas, batizado e trocas de graduação para a capoeira paraibana, da Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares. Através da vinda da Palmares houve a criação de vários grupos na Paraíba, e foi o responsável pela formação dos primeiros

---

<sup>2</sup> Adalberto da Conceição (atualmente conhecido por mestre Zumbi Bahia) que fazia a percussão e a coreografia do espetáculo Uma Noite na Bahia, apresentado pelo Grupo Filhos de Obá, de Salvador - Bahia, no Teatro Santa Roza, em João Pessoa – PB. Realizou as primeiras aulas no Serviço Social do Comércio – SESC, no Centro, através do convite do folclorista Tenente Lucena, que fazia parte do SESC. Depois, do SESC, Zumbi Bahia iniciou um trabalho de capoeira na Escola Piollin (atualmente Centro Cultural Piollin). Zumbi Bahia realizou outros trabalhos de capoeira, mas devido à falta de apoio financeiro, deixou a Paraíba e foi iniciar atividades de capoeira no Recife. (LIMA, 2005)

mestres Paraibanos e, recentemente, em 2013 houve a formatura do Mestre Dário, do Grupo Capoeira Angola Palmares no Roger.

### 2.2.1 CAPOEIRA: Angola e Regional

A Capoeira Angola segundo Campos (2009, p. 53) “[...] é uma manifestação primitiva que nasceu da necessidade de libertação de um povo escravizado, oprimido, sofrido e revoltado”. Dessa maneira, compreendemos a Capoeira Angola como uma criação dos negros africanos trazidos para o Brasil na condição de escravo, os quais fizeram do corpo a arma de libertação contra os maus tratos, os castigos físicos cometidos pelos senhores, feitores e capitães-do-mato.

O nome Capoeira Angola é dado pelo motivo de serem os primeiros e numerosos escravos africanos a chegarem ao Brasil e em especial na Bahia, os negros bantus, naturais de Angola. Na atualidade, especula-se que o nome capoeira angola surgiu também para se contrapor ao da Capoeira Regional. (CAMPOS, 2009, p. 40)

Para o autor, o predicado Angola é dado pelo fato da maioria dos africanos escravizados terem sido trazidos da região de Angola. Todavia, isso apenas aconteceu depois da criação da Capoeira Regional, pois até então só existia o termo capoeira, com o invento da Capoeira Regional, os demais mestres de capoeira na época se organizaram, e elegeram Mestre Pastinha<sup>3</sup> como liderança, ao qual criou o CECA, em 1941.

Neste momento, o que era então chamado de capoeira foi nomeado de Capoeira Angola, a qual também passou a ser sistematizada em aulas, critérios de participação, e em ambiente fechado. Para contrapor o crescimento da aceitação social da Capoeira Regional, os demais mestres acusavam o mestre Bimba de embranquecer a capoeira para torná-la aceita pelos jovens de classe média, por isso foi acusado de adicionar elementos de outras artes marciais.

Ainda existem controvérsias sobre se Mestre Bimba<sup>4</sup> acrescentou elementos de outras artes marciais ou apenas elementos do batuque, luta ensinada ao mesmo

---

<sup>3</sup> Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha, (1889 - 1981) discípulo de um negro africano de nome Benedito, fundou em 1941, o Centro Esportivo de Capoeira Angola – CECA.

<sup>4</sup> Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, (1899 – 1974) discípulo de um Africano de nome Bentinho, em 1927 cria a Luta Regional Baiana (Capoeira Regional), em 1937 abre a primeira academia de capoeira chamada Centro de Cultura Física Regional.

por seu pai, tido como exímio lutador de batuque. Para Campos (2009, p. 53) “[...] a Capoeira Regional é uma manifestação da cultura baiana, que foi criada nos fins da década de 1920 por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba). Ele utilizou os conhecimentos da capoeira primitiva e da luta denominada batuque”.

A Capoeira Regional possui uma sistematização seguida pelos capoeiristas que mantem vivos os ensinamentos do Mestre Bimba apresentando como principais características: “[...] exame de admissão, sequência de ensino de Mestre Bimba, sequência de cintura desprezada, batizado, roda, esquentar-banho, formatura, jogo de lúna, curso de especialização e toques de berimbau”. (CAMPOS, 2009, p. 54)

Todavia, na Capoeira Angola há uma diversidade de mestres, de diversas linhagens e cada um possui uma filosofia e metodologia próprias. Uma das mais conhecidas é a linha pastiniana; no entanto, a capoeira experienciada neste estudo é da linhagem de Mestre Nô, Capoeira Angola da periferia de Salvador-Bahia.

O tensionamento no campo da capoeira, não é na relação Capoeira Angola e Regional, hoje compreendemos que a Capoeira Angola é tida como prática cultural e a Regional, como prática desportiva. A tensão existe entre os grupos da Capoeira Angola por legitimidade: Qual é a linhagem mais legítima da capoeira angola? Essa discussão pode ser vista com aprofundamento em Magalhães Filho (2012)<sup>5</sup>.

### 2.3 PRÁTICA EDUCATIVAS E/NA CAPOEIRA

A escola, segundo Charlot (2013, p.159), “[...] tem um sentido para o aluno, mas esse sentido não está relacionado com o aprender. Não há prazer e, portanto, não há sentido em aprender”. Está claro que muitos alunos/as brasileiros dariam provavelmente a mesma resposta que o aluno francês deu a Charlot (2013) quando se referem a escola, gostam de tudo menos das aulas e dos professores.

É importante que a aprendizagem possua significado para os alunos. A relação com o saber escolar não está sendo interessante para alunos e alunas das escolas públicas, uma vez que os conteúdos dos livros didáticos estão distantes do universo do saber dos alunos, o que não leva o conteúdo intelectual ao encontro dos alunos/as. Por muitas vezes, essa escola está ainda a serviço da classe dominante, apenas

---

<sup>5</sup> MAGALHÃES, Filho. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola.** Salvador: EDUFBA, 2012.

tomando como referência os valores civilizatório eurocêntricos. Nesse sentido, assinala Arroyo

As ausências dos sujeitos populares não se dão por ingênuo esquecimento, mas têm uma intencionalidade política, fazem parte dos processos políticos de segregação desses coletivos nos diversos territórios sociais, econômicos, políticos e culturais. Suas ausências nos centros tidos como produtores e transmissores únicos do conhecimento legítimo, do saber sério, válido, objetivo científico que são as disciplinas e os ordenamentos curriculares é mais um dos mecanismos históricos de mantê-los ausentes, inexistentes como sujeitos sociais, políticos, culturais e intelectuais. (ARROYO, 2013, p.143)

Conforme Munanga (2006, p.18) a escola precisa abrir mão dessa justaposição de colocar o saber eurocêntrico acima dos demais, deixando ainda velado “a história do povo negro do Brasil e no mundo”, o que provavelmente, mudaria a forma das relações dentro do ambiente escolar. É importante perceber-se parte da população afrodescendente que somou a construir uma das maiores civilizações do mundo: a egípcia. Perceber-se pensante, o que os filósofos chamam de Razão. Razão essa que ainda não faz parte do universo dos alunos e alunas de escolas públicas, em sua maioria afrodescendente.

Existem segundo Charlot (2013, p.161) alunos e alunas que “[...] nem se evadem, nem abandonam a escola: eles nunca entram na escola”. Os dados da escolarização darão os contornos dessa população pobres e negros. A Resolução Nº 1 de 17 de junho de 2004, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes são definidas como um conjunto de:

orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática. (BRASIL, 2004)

Nesse sentido a Resolução CNE/CP1/2004 tem como finalidade proporcionar aos diversos segmentos étnico-raciais e sociais a efetiva prática dos direitos sociais, políticos, econômicos, ela é uma ação afirmativa<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Conjuntos de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória. Parecer n.º: CNE/CP 003/2004.

Não obstante as Diretrizes para Educação étnico-racial, trabalhar com atividades que enfatizam as contribuições do povo negro no Brasil em muitos casos depende da sensibilidade de gestores e professores. Mesmo assim nessa relação do aluno com o saber escolar, precisa-se urgente se ensinar “[...] aos alunos o significado de ir à escola, a especificidade da escola, o que faz na escola” para Charlot (2013, p.161). Os alunos falam da importância de aprender para a vida. E essa aprendizagem para alunos e alunas acontecem fora da escola. Para Charlot (2013, p.161) fora da escola aprendemos muita coisa (e coisas muito importantes) e temos uma forma de relação com o mundo, com os outros, com o saber, com a linguagem, com o tempo, que é diferente daquela que se encontra na escola”.

Quando entramos em contato com essa ideia de relação com o outro, com o mundo, em uma outra lógica diferenciada, na qual a ideia-força seja a vida existencial. Faz-se necessário perceber os indícios dessa outra lógica da relação de horizontalidade, outra percepção de tempo, outra forma de se relacionar com o mundo e no mundo.

Abib (2017, p. 24-25), nos diz que: “[...] a lógica que parece prevalecer no universo da cultura popular se caracteriza por uma outra concepção de *tempo*, que difere da concepção linear inaugurada pela metafísica, pois concebe passado, presente e futuro dentro de uma unidade temporal”.

Conforme o autor a noção de tempo na cultura popular é circular, o presente se renova no passado e o passado se presentifica a cada música cantada que relembra os capoeiras de outrora, através de sua musicalidade, se dá novos significados aos tempos de capoeira e se idealiza o futuro, a partir do aqui e agora, da roda de capoeira.

Citando Sodré (2017), talvez a escola brasileira precise se banhar e penetrar na conceituação do Pensar Nagô. Conhecer as possibilidades de educação crítica e problematizadora, pela educação popular, pelas pedagogias freireanas e assentar no chão das escolas, as pedagogias da capoeira centrada na ancestralidade, oralidade, memória e movimentos.

A experiência do vivido na roda de capoeira pelos alunos e alunas é uma probabilidade de mobilizá-los para a compreensão da necessidade da aquisição do saber científico a partir do eu empírico, que está carregado de emoções, saberes e fazeres cotidianos, sem desprezar o saber local da comunidade, dos grupos locais de cultura.

A capoeira é uma manifestação cultural afro brasileira que possui uma linguagem polissêmica: de jogo, de luta e de dança BRASIL (2014). Mas que ao se retirar qualquer uma de suas dimensões, perde a possibilidade de experienciar a capoeira: a capoeira enquanto cultura de resistência que impregna de símbolos e significados a sua vivência. Através da roda de capoeira, se adentra ao universo da capoeiragem, que tem ritual e tradição, o qual estão atrelados a linhagem de um mestre. O mestre responsável pela atualização e manutenção do saber capoeirístico para outras gerações.

A capoeira traz em si o sentido de liberdade. Liberdade para homens e mulheres, que ao adentrarem na roda de capoeira se reconhecem como parte de um grupo social, que solidariamente e em cooperação aprendem pelo corpo a produzir cultura. Segundo Freire (2015). Ao produzir cultura se reconhecem como sujeito histórico e inconcluso, ciente de seu inacabamento, compreendem que ninguém educa ninguém sozinho, apenas na condição de comunhão e mediados pelo mundo e no mundo.

A roda de capoeira se torna esse espaço-tempo de aprendizagens, de significados para vida, e ao se reconhecer como sujeito que tem a capacidade de agir e pensar, ele se conscientiza de estar no mundo e com o mundo, assim ele ao mudar é capaz de mudar o mundo. Daí, nasce a curiosidade epistemológica do saber que precisa desvelar o véu da realidade, precisamos compreender que o mundo está sendo e não está feito, assim como o destino.

Ao sair do fatalismo, o sujeito compreende o jogo da capoeira e da vida, precisou aprender as manhas para resistir a violência simbólica dos livros didáticos que teimam em denominar seus ascendentes de escravos, e não mudam a linguagem para negros africanos na condição de escravizados. A maior vocação dos seres humanos é de serem sujeitos e não objetos. Por isso mesmo precisamos questionar o porquê ainda da mesma linguagem, a escola está a serviço de quem mesmo? Certamente, ainda não é a serviço da classe trabalhadora, ou segundo Freire (2015) dos oprimidos.

Tocando, cantando e jogando capoeira, os alunos e alunas terão acesso a história contada pelos dominados. A experiência do vivido da capoeira, treinando-aprendendo e aprendendo-treinando leva o corpo a criar e a recriar os movimentos: andar com as mãos e falar com o corpo no diálogo com o outro, perguntando-

respondendo, respondendo-perguntando, no improviso, vão construindo conhecimento a partir do corpo.

Cantando e respondendo o coro vão se familiarizando com as estórias de lutas de várias gerações de capoeiristas. Na relação com o mestre-educador (professor) vão compreendendo o ritual e a tradição da capoeira. O que deve permanecer e o que deve ser modificado, uma dessas transformações é a presença da mulher na capoeira.

Entre o vai e vem da roda e da vida, o mestre se torna o mediador desse saber para alunos e alunas, a partir da relação dialógica entre mestre e alunos, a capoeira vai tecendo uma teia entre o saber científico e o saber popular afro que desenvolve sentimento de pertença a atividade da capoeira, ao mestre e a escola.

Nessa teia de saberes, a capoeira pode ser trabalhada em parceria com professores de sala de aula, o que potencializa ainda mais a valorização da prática da capoeira e da própria escola. Uma produção textual que o tema gerador seja a capoeira, para alguns alunos do 3º ano do ensino fundamental, por exemplo, uma experiência de estágio supervisionada que ocorreu na EEEF Ana Higina, no Roger. Os alunos do 3º ano conseguiram participar ativamente da atividade de produção textual realizada a partir de uma música de capoeira. Segundo Charlot (2013, p.161) “O aprender, ou seja, o processo pelo qual aprendemos uma coisa, seja ela qual for, apresenta-se sob várias formas e heterogêneas”.

Compreende-se que a entrada de experiências da cultura popular e afro podem dar a liga entre alunos, professores e toda a comunidade acadêmica. Ao mobilizar-se a partir da atividade da capoeira, o aluno compreende que faz parte da roda de capoeira e da roda da vida, então, ele se percebe como protagonista, logo compreendeu que o saber científico também é um direito público e subjetivo, garantido pela constituição de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90.

O aluno e/ou aluna ao assumir sua identidade de capoeirista, como parte do grupo, ele se fortalece e cria a força de vontade, e o desejo de sonhar por uma outra escola e sociedade, com mais justiça social, com equidade e pacífica, na qual todos sejam vistos como sujeitos de direitos e como cidadãos. Tudo perpassa a roda de capoeira que traz a vivência de cooperação e solidariedade, presentes na comunidade, aqui, comunidade enquanto grupo de capoeira que se forma naquele espaço-tempo. E no corpo dos alunos e alunas vão se situando no mundo e com o mundo. Para Abib

O saber corporal inscrito em cada perna, braço, tronco, cabeça e pé, podia ser transformado numa arma eficaz a serviço de sua libertação. Coube ao corpo, único lugar seguro, a herança do que ficou perdido. O corpo ganha assim, conforme Júlio Tavares (1997), a função de “arquivo-arma” e, junto da tradição oral, constitui-se em manancial da população afro brasileira. (ABIB, 2017, p. 135)

Nessa perspectiva, o autor trouxe a referência do corpo negro que pensa e por isso guardou a memória do além-mar e transformou num corpo-arma para a libertação do corpo negro-coletivo. Mais uma vez a capoeira precisa entrar no ambiente escolar e se enraizar no chão da escola, como fonte manancial da população afro-brasileira, para auxiliar alunos e alunas a se descobrirem afro-brasileiros e se descobrindo no próprio corpo, “um arquivo-arma” sobre as lutas e as conquistas dos negros trazidos para o Brasil na condição de escravos para conquistarem o lugar de sujeitos.

Conforme Freire (2015) de sujeitos históricos, que sabendo incompletos e inacabados, compreendem o mundo como inacabado, e ao aprender o saber popular pode organizar coletivamente o conhecimento, e passar da consciência ingênua para a consciência crítica. Ao aprender a dizer sua palavra, esse sujeito aprendeu que ela só é possível de ser pronunciada, a partir da leitura do mundo que a precede Freire (1989). Entenderam-se como sujeitos históricos, populares, oprimidos e capoeiristas. No diálogo dos corpos, aprenderam que o corpo pensa e fala, e ao falar, reivindica outro lugar na escola, na comunidade e na sociedade. Para Abib (2017) o capoeirista aprende a malandragem, e a malícia para sobreviver “entre o currículo da escola eurocêntrica e a barra pesada da periferia.

Desse modo, capoeira é arte-jogo, para Sodré (2002) “[...] a malícia é palavra-chave. É a malícia que indica com precisão a capacidade do capoeirista de superar a história do seu ego (a consciência dos hábitos adquiridos e consolidados) e adotar, em questão de segundos, uma atitude nova”. (SODRÉ, 2002, p. 22).

Para o autor, na capoeira vemos a possibilidade do jogo, do improvisado, o qual os capoeiristas carregam um repertório corporal e de jogo, que a qualquer momento podem lançar um movimento que exige do outro jogador a capacidade de se desviar em questão de segundos e de contragolpe ao mesmo tempo. Assim, o jogador tem que estar preparado para sair, da situação que imaginou ter ganhado. Criar e recriar com o outro no mundo e com o mundo o diálogo verdadeiro.

A capoeira para Abib (2017) é um educar-se para a vida, logo faz parte do cotidiano escolar e do comunitário, do saber vivido, com o tempo, com cada

experiência, vai dando as condições de aprendizagem do capoeirista de um dia ser reconhecido mestre, e na escola, os conhecimentos científicos vão proporcionando um caminho para o mercado de trabalho e para adentrar as universidades. A capoeira é um modo de vida, para Aragão e Duarte (2011):

Na capoeira se ensina que o conhecimento vem com o tempo, com a experiência. Para chegar a mestre, além da habilidade e capacidade na prática do jogo, é preciso ter vivido muito. Não basta saber dar o golpe certo, tem que ser reconhecido pela comunidade como aquele que a arte da capoeira arraigada no corpo e na alma, pois capoeira não é somente jogo, também é um modo de vida. (p. 126)

Conforme os autores, a capoeira é uma educação ao longo da vida que perpassa pelo corpo individual e social, está sendo construído coletivamente, dentro de uma tradição e a ancestralidade, simbolizada na figura do mestre. Mestre este que vai sendo formado a cada jogo, a cada situação, a cada roda, na relação com os mais novos, com os mais velhos capoeiristas, e com os da sua geração, vai sendo pela ginga, pelo corpo, pelos gestos o mestre. Responsável pelos ensinamentos e aprendizagens da capoeira e referência para a vida.

Para Abib (2017, p.97) “[...] o mestre é aquele que permite que os saberes transmitidos pelos antepassados vivam e sejam dignificados na memória coletiva. A *oralidade*, pela qual o mestre transmite a sabedoria ancestral do grupo, através da tradição, é assim caracterizada”.

O mestre de capoeira assume no ambiente escolar o lugar de mestre-educador que vai comunicar a tradição de capoeira para as gerações de capoeiristas presente na escola. Segundo Abib (2017), vai trazer à tona a dignidade dos antigos capoeiras, de suas organizações, conquista e lutas. Vai levar um referencial positivo do povo negro para meninos e meninas negras e afrodescendentes presentes na escola.

### 2.3.1 O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

O Programa Novo Mais Educação foi instituído pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e gerido pela Resolução FNDE nº 17/2017, sua finalidade é promover a alfabetização e melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática; reduzir o abandono, a reprovação, a distorção idade/ano no ensino fundamental. O programa prevê o aumento da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola.

Para que as escolas possam aderir ao Programa é necessário que apresente o seguinte perfil: I – escolas que receberam recursos na conta PDDE Educação Integral entre 2014 e 2016; II – escolas que apresentam Índice de Nível Socioeconômico baixo ou muito baixo segundo a classificação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); e III – escolas que obtiveram baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

O grupo de profissionais que desenvolvem atividades no referido programa são chamados de voluntários. A equipe é composta por: um coordenador responsável por acompanhar a implantação do Programa e monitorar sua execução; um articulador, responsável pela coordenação e organização das atividades na escola; e os mediadores e facilitadores que realizarão o acompanhamento pedagógico e as atividades de esporte, lazer, arte e cultura.

Uma das críticas mais constantes em relação ao Programa Mais Educação se refere aos educadores, facilitadores nas áreas de língua portuguesa, matemática, esportes, arte e cultura. Esses profissionais devem ter domínio técnico das áreas específicas, e de preferência residir em bairros onde estão localizadas as escolas.

Qual o cerne dessa problematização? Os profissionais são admitidos como voluntários que aderem ao Programa Mais Educação e em contrapartida recebem uma bolsa para ajuda de custos. O que, já apresenta uma desvalorização dos profissionais, tidos na comunidade escolar como voluntários, sem os direitos trabalhistas garantidos como profissional da educação. A partir disso vemos uma restrição do tempo da atividade, que não leva o facilitador a manter uma relação interativa com o projeto da escola. Tal fato prejudica o objetivo do programa, de auxiliar a partir da jornada ampliada, a permanência do aluno, auxiliando nas aprendizagens do educando. Isso ocorre porque os “facilitadores” não possuem o tempo necessário para a criação de vínculos com os professores na sala de aula, equipe gestora, família e a comunidade. O que acaba não cumprindo o que o Programa Mais Educação se propõe.

### **3 RODA CAPOEIRA, CAPOEIRA GIRA: da comunidade ao chão da sala de aula**

#### **3.1 HISTÓRIO DO GRUPO**

O Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger iniciou suas atividades em março de 1998, na Escola Piollin (atual Centro Cultural Piollin), no Roger, em João Pessoa – PB, por iniciativa de Dário Pereira João e Maria de Lourdes Farias Lima (na época instrutor e cordel amarelo respectivamente). O Grupo está filiado à Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, fundada em 20 de novembro de 1979, por Norival Moreira de Oliveira - Mestre Nô<sup>7</sup>. (CORRÊA, 2018).

O Grupo tem por objetivo desenvolver atividades com as manifestações da cultura afro brasileira, principalmente, a Capoeira Angola com a finalidade de desenvolver atitudes de respeito, dentro e fora da roda; reconhecimento da historicidade da capoeira; e combate as práticas de discriminação.

Atualmente, o Grupo realiza suas atividades na Casa Pequeno Davi, no Roger, nas segundas, quartas e sextas, à noite e no Centro Cultural Piollin nas terças e quintas à tarde. Não há um número fixo de membros participantes nas atividades, mas nesses primeiros seis meses de 2019 o Grupo teve uma frequência de 65 integrantes nas aulas realizadas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Os cordéis (gradações utilizadas pelos capoeiristas) usados pelo Grupo Capoeira Angola Palmares estão organizados em três níveis: inicialmente, os cordéis de alunos (verde, verde e amarelo, amarelo, amarelo e azul e azul); o cordel de contramestre(as) nas cores verde, amarelo, azul e branco; e os cordéis de mestre: branco com ponteiros verde; branco com ponteiros amarelas; branco com ponteiros azul; e branco.

O grupo realiza encontros anuais de capoeira que conta com a participação de capoeiristas de João Pessoa, de outras cidades da Paraíba e de demais estados brasileiros. O intuito dos eventos é realizar socialização de conhecimentos e a troca de cordéis dos integrantes do grupo.

---

<sup>7</sup> Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, nasceu em 22 de julho de 1945, na Vila de Coroa, Ilha de Itaparica – BA. Aluno dos mestres Nilton, Pierrô e Zeca. Foi reconhecido como mestre em 18 de setembro de 1964. Foi o primeiro educador popular e mestre de capoeira a receber o título de Notório Saber na UFSC, no ano de 2016. (CORRÊA, 2018)

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO E DA ESCOLA

O Bairro Roger está dividido entre Alto Roger e Baixo Roger. O bairro faz parte da 10ª Região orçamentária do município de João Pessoa - PB. O Roger possui 10.381 habitantes e o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de -0,12, com base nos dados de população Sposati (2010) e do índice de exclusão (2009) fornecidos respectivamente, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e pela Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP. O bairro possui quatro comunidades: Terra do Nunca, Buraco da Gia, a Comunidade do “S” e a Comunidade Asa Branca, reconhecidas como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) pela PMJP.

As instituições de educação formal no bairro são: a EMEF Mons. João Coutinho e a EMEF Frei Afonso e uma escola estadual, a EEEF Ana Higina. Os espaços de educação não formal são: Centro Cultural Piollin, antiga Escola Piollin, Casa Pequeno Davi e a Casa das Irmãs.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina está situada à Rua Dezenove de Março, S/N, Roger. A escola foi inaugurada em janeiro de 1984, no governo de Wilson Braga, pelo Secretário de Educação José Jackson Carneiro. Ela atende, em sua maioria, estudantes do Roger e de suas comunidades. No ano letivo, 2017, a escola desenvolveu os seguintes projetos: 1) Alumbrar (parceria da Secretaria de Educação com o Ministério de Educação e Cultura – MEC) que visa a correção da distorção idade/série. No turno da tarde, o Alumbrar equivale ao 6º e 7º anos e pela manhã, ao 8º e 9º ano, atendendo a adolescentes dos 13 aos 17 anos; 2) Primeiros Saberes da Infância (PSI), os professores participam uma vez por mês de um curso de qualificação para trabalhar com alfabetização; e Projeto de Intervenção Pedagógica, que busca reduzir os casos de violência na escola.

Neste ano de 2017, a escola não formou uma turma de 1º ano fundamental, pois segundo a gestão não houve uma procura por matrículas suficientes que gerassem a abertura de uma turma para este ano letivo. No turno da manhã são atendidos os educandos que estão cursando do 6º ao 9º ano e os alunos do Alumbrar que estão entre o 8º e o 9º ano; no turno da tarde atende aos estudantes que estão cursando do 2º ao 5º ano e os alunos do Alumbrar do 6º e 7º ano.

Na época a escola possuía uma diretora que atuava nos dois turnos, manhã e tarde, uma coordenação pedagógica do 6º ao 9º ano; uma professora responsável

pelo projeto do 2º ao 5º ano, Projeto Primeiros Saberes da Infância (Secretaria de Educação).

Segundo gestora, foram matriculados no ano de 2017 cerca de 235 estudantes. A escola tinha 15 professores do 2º ao 9º ano. A equipe de apoio é formada por uma merendeira, um auxiliar de serviços gerais e um porteiro.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina possui cinco salas de aula, uma sala de informática, uma sala para o Programa Mais Educação, uma cozinha, um refeitório, uma quadra, dois sanitários para uso dos estudantes, sala de professores, sala da direção e sala da secretaria; não possui biblioteca.

### 3.3 A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA NA PRÁTICA EDUCATIVA: o olhar da professora

Em nosso diálogo com a professora Maria Regina<sup>8</sup> através de entrevista realizada no dia 16 de setembro de 2019, nas dependências da UFPB, buscamos relacionar as seguintes questões: a) percepção da capoeira no chão da escola; b) motivação de tematizar a capoeira; c) as práticas da capoeira na sala de aula; d) colaboração da capoeira na formação; e) a avaliação dos resultados e, por fim, f) como a capoeira contribuiu para despertar, nas crianças, a identidade com a cultura afro-brasileira. Sendo assim, esses apontamentos contribuíram na apreensão sobre a relação entre capoeira e aprendizagem escolar.

A nossa questão inicial foi **“Como você percebe a capoeira no chão da escola?”**

Bom, foi ótimo a capoeira no chão da escola porque eu trouxe pra mim um conhecimento que eu tinha apenas na teoria. Então, eu pude perceber na prática o quanto a ginga me ajudou no letramento, na alfabetização. E deu também para os alunos um conhecimento da palavra daquele instrumento que eles tanto utilizavam, que eles brincavam, né, na roda. E uma coisa que me ajudou demais na capoeira foi a disciplina. A disciplina da capoeira levou para a sala de aulas um aluno totalmente diferenciado. Eu tive na turma, é, presidente de sala com crianças com sete, oito anos e bastante responsável e ali bem, assim, comprometido com a educação. É tanto que a gente fez vários trabalhos com esse grupo, né, que fazia parte da capoeira e eles me ajudaram demais na organização da sala (Professora Regina, em 16/09/2019). (*sic.*)

---

<sup>8</sup> A educadora é licenciada em Pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia e foi professora na turma de 3º ano do ensino fundamental, anos iniciais, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina.

A educadora, inicialmente, ressalta a importância da relação entre teoria e prática. Afirma, na sequência, que a “ginga” contribuiu no processo de letramento e na percepção dela e de demais pessoas a ginga é o jogo em si. É importante ressaltar que a ginga constitui-se no principal movimento da capoeira, porque em nossa formação na Capoeira a ginga é o elemento que liga todos os movimentos de ataque e defesa. Gingar nesse vai e vem é a própria filosofia da Capoeira Angola. O que nos faz trazer para esse diálogo Campos (2009, p. 43), quando ele coloca que “a ginga é a característica marcante do jogo da capoeira e identifica cada capoeirista, seu estilo, manha, malícia, habilidade e competência”.

A educadora prossegue nos falando sobre a importância dos instrumentos enquanto recursos didáticos. De fato, os instrumentos relacionados ao brincar provocam uma maior interação e na Capoeira possibilitam o ritmo corporal e o toque da alegria, do Axé, que possui significado de energia vital que agrega.

Na construção final dessa resposta, a entrevistada coloca a relação entre disciplina na capoeira e disciplina na sala de aula, em que se observa que esta disciplina contribui na aprendizagem e na organização da sala, salientou, também, o fato de as crianças se tornarem mais responsáveis e lideranças.

Em nossa compreensão, essa “disciplina” é algo sim que possibilita o processo de aprendizagem, pois após as crianças entenderem que também são parte responsável pela aprendizagem às trocas de saberes são mais fluídas e prazerosas. Salientando que a disciplina na Capoeira enquanto um saber cultural e não da prática desportiva possibilita uma tomada de consciência sobre o lugar em que esteja inserido: ser capaz de ver a outra pessoa e ceder o lugar de fala; saber esperar; ajudar na aprendizagem do outro, ou seja, um disciplinamento de atitude cooperativa e não de adestramento dos corpos.

Na segunda assertiva indagamos: **“Como você compreende a relação entre capoeira e aprendizagem escolar?”**

Eu compreendo como uma troca de experiências. Porque a capoeira me trouxe uma prática e a educação levou para a capoeira o conhecimento científico. Então, quando juntou isso aí o aluno só teve a ganhar, porque a gente trabalhou o que era capoeira e o conceito da capoeira na parte histórica da sociedade, como é visto esse capoeirista, como era visto antigamente. Porque era criminalizada. Porque hoje não é mais, né. Não é mais entre aspas, a gente sabe que ainda tem os preconceitos. Mas, a capoeira deu pra mim trabalhar o conceito histórico e social dentro da sala de aula (Idem). (sic.)

O olhar da educadora nos chama atenção pelo fato dela não dissociar a sua prática da sua formação teórica. Coloca o saber da Capoeira nos dois pilares, o da empiria e o da ciência. Sendo que, na primeira parte ela deu ênfase à prática e, agora, ela ressalta os aspectos teóricos conceituais e contextuais da historicidade da capoeira de como a capoeira já foi vista enquanto prática marginal e como ainda hoje sofre preconceitos.

Sobre esse processo de marginalização sentimos a necessidade de discorrer mais sobre o que se associa a essa “prática marginal”. Nesse sentido, o que é ser marginal? Infringir as normas sociais ou está à margem da sociedade? Ser o contraventor ou ser marginalizado? Ou ter ficado à margem esperando a segunda abolição? Para Chalhoub (1996) ser marginal significa pertencer à classe pobre rotulada de “classe perigosa” instituída de uma massa despossuída de bens e tendo como recurso se apropriar dos bens alheios para sustentar a sua família. Chalhoub (1996, p. 20) cita uma escritora, Mary Carpenter, que utilizou o conceito de classes perigosas como sendo “[...] as constituídas pelas pessoas que já houvessem passado pela prisão, ou as que, mesmo não tendo sido presas, haviam optado por obter o seu sustento e o de sua família através da prática de furtos e não do trabalho”

Dessa forma, o preconceito que se apresenta hoje vem desse processo histórico que vê a capoeira com associação dos marginalizados que realizavam suas rodas porque estavam à “vadiagem”. Essa passagem nos remete a menção do Código Criminal do Império do Brasil de 1830 que rotulou os Capoeiras duramente perseguidos a partir da subjetividade de quem aplicasse à lei que utilizavam a terminologia “vadios e mendigos” para enquadrá-los. Esse processo histórico legitimou ainda mais o racismo institucional de negação dos direitos da população negra que continuou incriminando a Capoeira e seus praticantes no Código Penal de 1890 através do Decreto 847 de 11 de outubro de 1890 que perdurando aproximadamente quarenta anos (BRASIL, 2014). Por isso, que essa historicidade precisa ser refletida na prática pedagógica lembrada pela educadora Regina.

Ao colocarmos a terceira questão **“O que lhe motivou a levar elementos da capoeira para a sala de aula?”**

Foi o interesse do aluno pela temática. E foi, é, por exemplo, porque eu gosto muito de trabalhar com os conhecimentos prévios. Quando eu comecei a pesquisar sobre ele, na convivência deles na comunidade o que mais foi falado foi a capoeira. Então, a capoeira fez com que, assim me trouxe curiosidade porque até então eu só conhecia nos livros, né, na prática mesmo eu não conhecia. Quando eu tive a

experiência com mestre Dário, no caso você, com Malu, então a gente começou a transmitir para esse aluno a importância da educação, né, na comunidade, o que a educação fez com esses mestres, né, o que trouxe para eles. O quanto são políticos, o quanto ajudou, o quanto foi esclarecedor. Então, me ajudou demais a unir essa teoria e prática no dia a dia na sala de aula. (Idem). (sic.)

A fala da educadora Regina é focalizando na relação aluno-professor, com o elemento motivacional partindo do interesse dos educandos. Ela fala que traduz os elementos culturais trazidos pelos estudantes, no caso, a Capoeira. Entendemos ser esse posicionamento enquanto um processo pedagógico dialógico Freireano partindo do conhecimento prévio. Retomamos Freire (2006, p. 30)

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o deve de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Para tanto, a narrativa coloca ainda que a educadora realiza a transposição didática da teoria sobre a capoeira para o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, articulou saberes escolares com saberes culturais (SANTOS, 2002).

Dessa forma, Regina identificou que a Capoeira vem de práticas antigas na comunidade do Roger e que existe um referencial da Capoeira que vem do Mestre Dário e da Contramestra Malu, que possuem essa ligação com a Capoeira e com a educação. Percebemos ainda que suas atitudes são processuais e políticas pedagógicas. Entendemos que ela compreende os desafios pedagógicos e é construtora das atitudes, porque o primeiro desafio foi levar a Capoeira da comunidade para o chão da escola e depois para a sala de aula enquanto um saber pedagógico, o que nos faz dialogar com Arroyo (2013, p. 31):

O foco no aluno, nas formas de viver, de pensar, de ser, de aprender, seus valores, culturas, saberes, identidades, suas vivências de espaços tão precarizados, suas opções nos limites passam a ser as dimensões de formação que dão sentido pedagógicos, profissionais, à diversidade de temas e oficinas. Por aí passam movimentos ignorados de reorientação curricular.

A partir da motivação da educadora e posterior planejamento várias atividades de linguagem, letramento, de raciocínio lógico, história e geografia, arte, esporte e cultura foram sendo realizadas, como está explícito quando indagamos sobre “**Quais**

## as atividades desenvolvidas com capoeira e como elas aconteceram em sala de aula?”

Bom, a gente desenvolveu o livro O Herói de Damião, né, que ensinou bastante e fez com que os meninos percebesse outros heróis mais presentes, né, e começou a chamar o mestre Dário de herói, porque começaram a ver essa presença desse herói que Damião tanto gostou nele, né, e no caso, você. E me ensinou, assim bastante, porque quando a gente ia pra parte prática a instrumentalização, o ritmo, né, o letramento, o alfabeto, o contar as sílabas batendo palmas como a capoeira. Então, a capoeira me ajudou demais, porque aí os meninos sabiam quantas sílabas tinha uma palavra, o ritmo pra trabalhar a matemática com a contagem, é a sequência, a importância de ceder o outro a vez quando se tem uma roda de capoeira, onde um respeita o outro, o respeito ao sair e ao entrar. Então, tudo isso me ajudou bastante na disciplina, no letramento, na matemática, na história, na geografia, porque a gente trabalhou espaço, a gente trabalhou as formas geométricas, no caso a roda, o tambor. Então foi bastante interessante na prática em sala de aula (Idem). (*sic.*).

A educadora trabalhou várias habilidades e competências de forma contextualizada. A contação de história “O Herói de Damião: em a descoberta da capoeira”<sup>9</sup> possibilitou os alunos adentrarem no encantamento do mundo literário cujo herói não segue um padrão estético eurocêntrico. Assim vemos uma aproximação mais da realidade dos alunos sobre o sonho de uma criança com a capoeira e que foi descobrindo os ritmos e movimentos. Corroborando para uma proximidade de identidade na infância com a Capoeira. Essa identidade é pessoal e cultural. Daí por diante, a educadora Regina desenvolveu diferentes atividades relacionando os saberes docentes e os saberes culturais que foram problematizados a partir da prática dos educandos com a Capoeira e contextualizados com o livro Herói de Damião. O que nos faz novamente dialogar com Santos (2002, p. 46):

[...] os diferentes olhares sobre o estudante, o professor, o currículo e as instituições escolares levam hoje a valorização de saberes da experiência social e cultural, do senso comum e da prática, como elementos indispensáveis para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias a solução, tanto dos simples como dos complexos problemas da vida pessoal e profissional dos indivíduos.

---

<sup>9</sup> O livro O Herói de Damião em a descoberta da capoeira, de autoria de Iza Lotito de 2006 conta a história de uma criança de sete anos chamada Damião, o garoto adora brincar de herói, porém não se identifica com os heróis do cinema e da TV. “Não tem herói da minha cor? Danou a esbravejar!” Muito descontente, ele sai para dar uma volta e encontra uma roda de capoeira. É convidado pelo mestre para participar. Aprende alguns movimentos e é batizado (recebe seu primeiro cordel – graduação da capoeira) passando a se identificar com o mestre e os demais companheiros de capoeira.

Dessa forma, a experiência escolar-cultural fortalece o processo de ensino e aprendizagem a partir das atividades em que a Capoeira contribuiu na contagem de sílabas; na matemática e nas sociabilidades das relações de uns com os outros, pois como bem disse Regina “quando se tem uma roda de capoeira, onde um respeita o outro, o respeito **há** ao sair e ao entrar” (**Grifo/acréscimo nosso**).

Na sequência indagamos: **“Como isso colaborou com sua prática pedagógica?”**

Essa prática me deu subsídio para mim trabalhar com a teoria com os meninos e aproximar mais da realidade deles, e com isso o ensino aprendizagem ficou mais, como é que eu posso dizer, ficou mais fácil, porque com isso eu tive um resultado mais rápido, enquanto eu tinha, antes que fazer várias práticas, várias metodologias, vários planos, vários projetos pra vê se alcançava algo, com a capoeira eu consegui um avanço de um bimestre em um mês, né. Foi bem rápido a resposta, porque como eles conheciam os instrumentos, conheciam os ritmos, conheciam a história e eles contavam a história, construía equipamentos, construía instrumentos, né. Então, como era algo do cotidiano deles que tava ali no quintal, na praça, no final de semana, no Piollin, no Pequeno Davi. Tava bem presente na vida deles. Então, é, copiar aquelas palavras, escrever aquelas palavras que eles conhecia muito bem o significado ficou mais fácil. Então com isso o letramento aconteceu com mais eficácia na minha sala de aula. Então eu só tenho a agradecer essa parceria porque com ela o trabalho foi diferenciado, né. E foi bem proveitoso. Então, é uma prática que eu não esqueço e procuro sempre colocar nos meus planos, nos meus projetos. Porque foi essa prática, essa metodologia que fizemos com essa parceria que eu vi o resultado, eu vi, assim, é possível se trabalhar o método freiriano, né, na metodologia de Paulo Freire na sala de aula, no chão da escola partindo dos saber popular, né. E fazendo com que a criança, que o adolescente, ele possa realmente aprender a ser um cidadão crítico e ativo na nossa sociedade. (Idem). (sic.).

Ao falar da contribuição da Capoeira em sua prática pedagógica, ela dá ênfase à celeridade com que os estudantes apreenderam os conteúdos relacionados à Capoeira trabalhados na sala. Para a educadora, o fato das crianças conhecerem os instrumentos, saberem confeccioná-los, terem contato com a Capoeira nas ruas, praças e nas ONG's do bairro é fator primordial nesse avanço pedagógico conseguido pela turma, pois tornou a aprendizagem significativa para os educandos, o que facilitou além da aprendizagem, o comportamentos e a socialização entre alunos e professora. Ainda acrescentou que essa parceria com a capoeira fez ela planejar as aulas a partir da experiência com o saber popular no chão da escola o que possibilitou trabalhar com o método de Paulo Freire na escola, percebendo que desse modo a

criança e o adolescente pode ser formado para uma cidadania crítica e ativa na sociedade. O que Para Abib (2017, p.206-207)

Os resultados obtidos por essas atividades educacionais envolvendo a capoeira, bem como outras manifestações da cultura popular, [...], são considerados excelentes na opinião da maioria de pedagogos e arte-educadores envolvidos nesses processos, pois permitem que sejam trabalhados valores como a auto-estima, o respeito ao outro, a solidariedade e a auto-superação entre outros benefícios.

Outra questão levantada por nós foi: **Como você percebeu o resultado com os estudantes?**

O resultado foi assim, eu esperava um, mas o resultado com a capoeira foi bem melhor, porque eu deixei uma turma crítica socialmente, sabe, uma turma que a gente sabe que são futuros universitários, futuros adultos críticos, é uma turma que sabe perceber a importância da prática e da teoria caminhar juntos. E assim, me ajudou demais na alfabetização mesmo, a minha turma ficou toda alfabetizada, com palavras que eles conheciam na prática, então eu pegava aquelas palavras que eles conheciam, né, na prática lá e eu peguei e comecei a textualizar essas palavras e eles começaram a entender, no caso quando eu pedia uma palavra com C, era capoeira, tem até uma música que se canta né. Então, eles cantavam bastante aquela música que eu até esqueci a letra agora. E eles faziam assim na prática e essas palavras eu usei pra formar o alfabeto. Então foi bastante proveitoso porque com isso todos foram alfabetizados. (Idem). (sic.).

Referindo-se aos resultados obtidos em sala de aula a educadora enfatizou que foram além das expectativas, mais uma vez ressaltou que todos da turma foram alfabetizados, pois as palavras faziam parte do cotidiano dos mesmos, como disse Freire (1989) a leitura do mundo precede a leitura das palavras. Pois, a alfabetização foi possível porque teoria e prática caminharam juntos na metodologia da educadora, que ainda reconhece que esse caminho possibilitou nos educandos uma postura crítica diante da realidade, levando a educadora acreditar que estão se construindo enquanto sujeitos críticos e coletivos. Abib (2017, p.216-217) “[...] situado no terreno do cotidiano, a cultura popular quando valorizada e legitimada no currículo escolar é, em consequência disso, apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências”.

Por fim, dialogamos sobre a capoeira e a discussão da identidade negra **“Trabalhar com capoeira favoreceu o despertar, nas crianças, da identidade com a cultura afro-brasileira?”**

Com certeza, porque a capoeira fez com que eles compreendessem, é várias coisas, porque a capoeira a trabalhar com eles a abayomi, a

boneca. Então confeccionar a boneca, pegar aquela boneca. Aquela boneca tinha um significado porque pesquisado com ela a história, então ligaram a capoeira a isso porque eu mostrei pra eles que veio naqueles navios aquela boneca, veio o ritmo, veio a religião, né. Por que o povo negro ainda necessita dessa identidade? Pra poder se firmar socialmente. Porque a gente olha numa sociedade que é totalmente branca e quando a gente vê dentro da escola algo que vem da sua raiz é muito gratificante. Porque ele vai vê. Ah, a escola é minha, a escola não é de branco, então a escola eu posso ficar. Então a capoeira fez essa ligação. E como no bairro a capoeira é bastante presente, então, eles vê no quintal de casa, eles vê numa praça, vê no Piollin, vê no Pequeno Davi, então vê também na escola fez aquela ligação e eu percebi que o respeito que tinha com o mestre Dário, com a mestre Malu, na capoeira, começou a ter comigo. Então, o silêncio. Até hoje eu vou na escola, quando eu chego lá que eu entro na turma aquele silêncio, me responde como é que tá, as perguntas. Então, e aí como é que estão? Eu tô estudando professora, eu tô lendo. Então esse respeito que ficou que eu vejo assim muito com uma ligação com a capoeira, porque a capoeira deixa a gente assim de igual para igual, o sentar no chão, eu acho muito lindo o ritmo. Então na sala de aula me ajudou demais, demais mesmo, é tanto que as minhas aulas eu gosto muito de dar em círculo pra poder manter aquela formação do círculo da capoeira pra poder, e tinha a batida. A gente tinha as batidas quando queria fazer silêncio com duas batidas eles silenciavam. Então, coisas que eu aprendi nas rodas de capoeira. Então me ajudou demais porque ficou aquela rotina, entendeu. E até hoje eu me sinto muito respeitada porque me deram assim, como uma mestra, sabe. Não uma mestra da capoeira, mas uma mestra da sala de aula. E eu amei a experiência. (Idem). (sic.).

A educadora corrobora em sua fala sobre a necessidade de se repensar à escola brasileira, a qual ainda valoriza apenas a matriz europeia. Relacionou a importância dos educandos terem as referências da matriz afro indígena na escola para que possam sentir integrante ativo da comunidade escolar tendo a possibilidade de desenvolver laços afetivos comunitários e sentimento de pertença que auxiliem na afirmação da identidade de afro-brasileiros. Nessa perspectiva, dialogamos com um importante teórico da discussão sobre a identidade (s), que a contextualiza a partir do *eu* e do *outro* na vivência. Vivência esta que reafirma práticas culturais no campo popular:

A cultura popular carrega essa ressonância afirmativa por causa do peso da palavra “popular”. E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns (HALL, 2009, p.322)

De tal forma, ela ainda trouxe a importância do círculo, da horizontalidade do diálogo entre educando-educador, da rotina (quer dizer da presença diária do educando da sala de aula), do respeito aos mestres que reverbera no respeito ao educador.

Além disso, identificou que o educando precisa sentir que a escola é um espaço acolhedor para todos, que ela também acolhe a cultura presente no bairro, a exemplo da capoeira, criada e recriada pelos amigos, familiares, pela comunidade, e que esse saber popular vivido no bairro tem tanto valor quanto o saber científico da escola, como disse Freire (2015) não há saber maior nem menor, os saberes são diferentes. Conforme Abib (2017, p. 216)

O universo da cultura popular, enquanto um campo extremamente rico e diversificado, em que a oralidade e a ritualidade abrigam saberes dos mais significativos, remete, como já vimos, a toda uma ancestralidade onde residem aspectos importantíssimos relacionados a “história não contada” dos derrotados, aos processos identitários das camadas subalternas da nossa sociedade, ao ethos do povo oprimido; enfim, à cultura dos excluídos do nosso país.

O autor nos traz a importância da capoeira enquanto prática educativa para a liberdade dos negros, dos pobres, dos trabalhadores e através da roda capoeira se cria e recria o sentido da luta de resistência, comunicada pelo mestre para outras gerações de capoeiristas e reatualizada em cada jogo, o sentido da resistência e das “manhas” necessárias para a sobrevivência, a capoeira traz o sentido comunitário. A capoeira só acontece na relação eu consigo mesmo, com o outro, com o mundo e no mundo (a roda de capoeira e na vida), o eu-coletivo resiste e se espalha pelo mundo. Nesse sentido, a educadora percebeu que ao passar a respeitar o saber dos educandos, em troca recebeu o respeito e admiração, tornou-se parte da roda, recebeu a valorização de um mestre, uma pessoa que vista como possuidora de sabedoria e referenciado pela comunidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar diferenciado do mestre-educador de capoeira e estudante de pedagogia para os processos de ensino-aprendizagem não limitando a prática da capoeira a simples repetição de movimentos buscando formar capoeiristas apenas para a roda, para os momentos em que o berimbau está tocando. A perspectiva de ensino-aprendizagem de capoeira realizado no Grupo, na Escola, nas ONG's por onde passamos busca ressaltar aspectos formativos outros da capoeira: historicidade, cooperatividade, corporeidade, respeito ao outro, solidariedade, musicalidade, ritualidade, a possibilidade de elevação da autoestima, auto superação, enfim, toda uma fonte de saberes-fazer. Conforme Abib (2017, p. 223) “[...] a capoeira [...] é um rico manancial de humanidade, onde muito se aprende sobre a vida e sobre os valores fundamentais para a existência humana”.

Houve essa articulação de saberes adquiridos na prática da capoeira; na experiência do Prolicen (através do Grupo de Pesquisa Pedagogia Griô) e do Estágio Supervisionado III – Ensino Fundamental, da qual surgiu nossas inquietações, qual é a contribuição da capoeira para educação escolar?

A partir de uma transposição didática dos elementos da capoeira para sala de aula, realizada na turma de 3º, da EEEF Ana Higina, no ano de 2017, analisamos as contribuições da capoeira, uma experiência da cultura local, do bairro no qual está inserida a escola. Destacando o que Keim e Silva (2012, p.137) fala “[...] da capoeira ser o primeiro componente curricular de educação escolar genuinamente brasileiro e com o mérito de ser algo voltado à vida e não a meros conteúdos objetivos, utilizados para alienar ou seduzir”.

Com essa responsabilidade, a professora Maria Regina comprometida coma educação como um ato político, centrado no compromisso ético do ato de educar, como uma prática social. Percebeu a importância que as crianças davam a experiência da capoeira. Ela, fez um diagnóstico contextualizado do bairro onde reside os educandos e descobriu a presença da capoeira no bairro, o que levou a educadora a optar por uma pedagogia de projetos e a metodologia de Paulo Freire, para isso firmou uma parceria com o mestre de capoeira que atuava no bairro, na escola e estava estagiando em sua sala de aulas.

O envolvimento da professora, a participação dos alunos, o mestre de capoeira e do grupo de capoeira possibilitou uma experiência de socialização que trouxe o

pertencimento a escola por parte dos educandos, dos familiares e da comunidade que se aproximaram ao perceber que a cultura local do bairro estava sendo valorizada no ambiente escolar. Uma vez que muitos dos alunos são filhos, irmãos, sobrinhos ou amigos de capoeiristas do bairro.

Disso, resultou, a possibilidade da professora planejar aulas a partir dos conhecimentos prévios dos educandos-capoeiristas, o que ocasionou a frequência diárias dos alunos na sala de aula e nas atividades de capoeira na escola e no grupo. Também observamos: a melhoria no comportamento em sala, pois desenvolveu disciplina para a realização das tarefas; vimos que os alunos começaram a falar sobre a capoeira, como acontece a roda de capoeira? Os instrumentos? As músicas? A pedido da professora fizeram uma roda de capoeira na sala de aula e explicaram cada parte da roda. Aos poucos, ela percebeu que eles foram desenvolvendo um outro olhar para a educadora, de respeito e admiração, e ao ponto de construção de uma relação de confiança entre educando-educador que possibilitou a aprendizagem nas várias dimensões: a leitura em voz alta na sala; a produção de frases; o letramento matemático; a atenção; a escuta atenta; a colaboração com os colegas e o cuidado com a sala de aula.

Na fala da professora, ficou evidente que a relação com a capoeira trouxe sentimento de pertença com a identidade afro-brasileira, a valorização dos saberes populares e uma melhoria nas relações étnico raciais nesta escola, durante o ano de 2017.

Os resultados segundo a educadora foram além do esperado, principalmente, a alfabetização de toda a turma, a partir dos saberes prévios que tinham da capoeira. Desse modo, a educadora ainda enfatizou que os educandos tomaram a posição de falar, de produzir questionamentos críticos frente a realidade da escola e da comunidade. O que segundo Freire (2015) a educação não muda a sociedade, a educação muda as pessoas, as pessoas mudam a sociedade. O resultado dessa pesquisa nos possibilitar esperar como verbo, uma ação consciente de fé e crença que o destino não está pré-determinado, assim, podemos coletivamente sonhar um projeto de sociedade justa, pacífica e com equidade para negros e não-negros, para trabalhadores, pobres e oprimidos.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. 2ª ed. Salvador: EDUFPA, 2017.

ARAGÃO, Guilherme; DUARTE, Cesar. **Patrimônio imaterial brasileiro**: um inventário de cultura e arte. Tradução Elke Streit e Ricardo da Mata. 1º ed. Bilingue. Rio de Janeiro: M4 Produções, 2011 p. 120-131.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL, Fundação Cultural Palmares. **Oficina de capoeira**: a escola em movimento. Salvador, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Conselho Nacional de Educação**. Opinião técnica nº CNE/CP 003/2004 Colegiado: CP aprovado em 03/10/2004. MEC/UNESCO. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192)>. Acesso em: 15 mar 2019.

BRASIL. Lei 10.639/2003. In.: **lei nº 9.394, de 20/12/1996**. Estabelece alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do senado, 2003.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. Secretária de Estado de Assistência Social. **Diretrizes e Normas do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil**. Brasília: 2001. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/assistencia\\_social/portarias/2001/Portaria%20no%20458-%20de%2004%20de%20outubro%20de%202001.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/assistencia_social/portarias/2001/Portaria%20no%20458-%20de%2004%20de%20outubro%20de%202001.pdf)>. Acesso em 18 de setembro de 2019.

BRASIL. **PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO**. Caderno de Orientações Pedagógicas – VERSÃO II. Brasília, DF 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=90251-caderno-orientador-pnme&category\\_slug=junho-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=90251-caderno-orientador-pnme&category_slug=junho-2018-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 08 abr. 2019.

BRASIL. **R685 Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasília, DF: IPHAN, 2014.

CAMPOS, Hélio. **A escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFPA, 2009.

CANDAU, Vera Lucia. (org). **Didática, currículo e saberes escolares**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CHALHOUB, Sidney. Classes pobres, classes perigosas. In.: **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Disponível em: [https://www.CHALHOUB-Sidney\\_Cidade febril\\_cap-1.pdf](https://www.CHALHOUB-Sidney_Cidade febril_cap-1.pdf). Acesso em 10 de setembro de 2019.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CORRÊA, Joseane Pinho. **A de ensinar capoeira, na roda e na vida: pedagogia da capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198093>>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

FARIA FILHO, L. M; VIDAL, Diana Gonçalves. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5406122/Os tempos e os espa%C3%A7os escolares no processo de institucionaliza%C3%A7%C3%A3o da escola prim%C3%A1ria no Brasil](https://www.academia.edu/5406122/Os_tempos_e_os_espacos escolares_no_processo_de_institucionaliza%C3%A7%C3%A3o_da_escola_prim%C3%A1ria_no_Brasil)>. Acesso em: 03 de setembro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 43ª Edição. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

FREIRE. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2015.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação a pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001.

HALL, Stuart. **DA DIÁSPORA: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KEIM, Ernesto Jacob; SILVA, Carlos José. **Capoeira e Educação pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia Freiriana**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

LIMA, Maria de Lourdes Farias. **Zumbi Bahia: o começo da capoeira em João Pessoa**. João Pessoa: s.n, 2005. 39p. Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

MUNANGA, Kabengele (org), **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para entender)

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 15 março 2019.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola Ensaio Sócio-Etnográfico**. Salvador: Itapoan, 1968.

REIS, Leticia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil**. São Paulo. Publisher Brasil, 1997.

SANTOS, Laciola L. C. P. et al. **Didática, currículo e saberes escolares**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOARES, Carlos E. L. **A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial**. Rio de Janeiro: Access, 1999.

SODRE, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandiga**. Rio de Janeiro. Manati, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SPOSATI, Aldaíza (Coord.); KOGA, Dirce; CONSERVA, Maribalva; SILVEIRA Jr, José Constatino; GAMBARDELLA, Alice. **Topografia Social da cidade de João Pessoa**. João Pessoa: Editor Universitária da UFPB, 2010.

TAVARES, Manoel; RICHARDSON, Roberto Jerry. (org.). **Metodologias qualitativas: teoria e prática**. Curitiba: CRV, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA**

### **ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A EDUCADORA**

Como você percebe a capoeira no chão da escola?

Como você compreende a relação entre capoeira e a aprendizagem escolar?

O que lhe motivou a levar elementos da capoeira para a sala de aulas?

Quais as atividades desenvolvidas e como ela foram realizadas?

Como isso colaborou em sua prática pedagógica?

Como você percebeu o resultado com os estudantes?

Trabalhar com capoeira favoreceu o despertar, nas crianças, da identidade com a cultura afro-brasileira?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**A U T O R I Z A Ç ã O**

Eu, \_\_\_\_\_  
RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), autorizo **DÁRIO PEREIRA JOÃO**, estudante de Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, que tem como título **“CAPOEIRA NA VIDA, CAPOEIRA NA ESCOLA: uma experiência da prática da Grupo Capoeira Angola Palmares na EEEF Ana Higina** e está sendo orientado pela Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira.

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de setembro de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da entrevistada

## ANEXOS – ILUSTRAÇÕES DA PESQUISA



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. Roger – Comunidade Terra do Nunca, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. Roger – Casa das Irmãs/Comunidade do “S”, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. Roger – Comunidade Terra do Nunca, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Celebração do Dia das Crianças, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Celebração do Dia das Crianças, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do grupo Capoeira Angola Palmares. EEEF Ana Higina – Celebração do Dia das Crianças. 2016-2018 \* Data indefinida



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares/Oficina de penteado afro, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares/Oficina de contação de histórias, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares/Oficina de Capoeira, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares/Oficina de Capoeira, 2016-2018. \* Data indefinida.



**Fonte:** Arquivo do Grupo Capoeira Angola. EEEF Ana Higina – Sala do 3º Ano, 2016-2018. \* Data indefinida.